

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO**

**JOGOS MUNDIAIS UNIVERSITÁRIOS DE 1963:
REPERCUSSÕES NO ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO DA
CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS**

Diná Pettenuzzo Santiago

Porto Alegre
2009

DINÁ PETTENUZZO SANTIAGO

**JOGOS MUNDIAIS UNIVERSITÁRIOS DE 1963:
REPERCUSSÕES NO ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO DA
CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS**

*Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
no Programa de Pós-Graduação em Ciências do
Movimento Humano da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul para obtenção do título de
Mestre.*

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre
2009

DINÁ PETTENUZZO SANTIAGO

**JOGOS MUNDIAIS UNIVERSITÁRIOS DE 1963:
REPERCUSSÕES NO ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO DA
CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS**

Trabalho apresentado como Requisito Parcial para a Obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela Comissão formada pelos professores:

Orientadora:

Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho

Profa. Dra. Kátia Rúbio

Profa. Dra. Silvana Villodre Goellner

Porto Alegre
2009

Dedico este trabalho para todos os corações, todas as mentes e todas as mãos que fizeram da ambição temporana, esta tão sonhada realidade em minha vida: ser Mestre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com humildade, mas com muito carinho a todos quanto me auxiliaram na realização deste trabalho;

A Prof.^a Dr.^a Janice Zarpellon Mazo por ter me concedido a oportunidade de obter esse título e por toda a compreensão;

As colegas Vanessa Lyra, Ester Liberato, Carolina Dias, Luis Henrique Rolim, Paula Maduro do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) do Centro de Estudos Olímpicos (CEO) da ESEF/UFRGS, por todo o auxílio prestado no trabalho;

Ao Guelle do NEHME pelo constante incentivo;

Ao Prof. Dr. Alberto Repoldd Filho e a Prof.^a Dr.^a Silvana Vilodre Goellner pelas contribuições na fase de qualificação do projeto de dissertação de mestrado;

A Eliane, pelo auxílio e compreensão durante esses dez anos de convivência;

Ao Jeferson, meu porto seguro de todas as horas e para todas as tarefas;

A Malu, cuja parceria transcende em muito o nosso dia de aniversário;

A UFRGS, por ter sempre mantido oportunidades para o crescimento profissional;

Aos colegas da ESEF, pela inclusão independente do título;

Aos meus alunos da ESEF, onde sempre encontrei acolhimento, carinho e incentivo;

Ao Neno, por aguentar o estresse de uma idosa mestranda;

A mana Diva e ao Wolmer, o agradecimento se refere ao auxílio ao longo da vida;

A Maria Marli: tua disponibilidade e idealismo são admiráveis;

Ao Zé, Jenice e Paulo, por acreditarem que seria possível;

A Karla, agradeço por tudo que és nas nossas vidas;

Pepeu, Noninho, Capitu, Naná, Sasha e Medi: só eu sei o quanto vocês ajudaram.

RESUMO

Os esforços do presente estudo concentraram-se em compreender as transformações trazidas pelos Jogos Mundiais Universitários ocorridos no ano de 1963 – Universíade de 1963 –, ao associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre. Espera-se, com esta pesquisa, trazer mais uma contribuição sobre a relevância dos Jogos Mundiais Universitários para Porto Alegre, elegendo para tal, como foco de análise, as modificações ocorridas na estrutura e no funcionamento dos clubes que sediaram as competições esportivas. Desse modo, aproximar-nos da realidade gerada por tais mudanças significou, nos limites deste estudo, uma incursão sobre as representações que daquelas ocuparam-se em sustentar, fontes impressas de diversas naturezas, a saber: Revista do Globo, Jornal Correio do Povo, livros comemorativos dos clubes esportivos, obras especializadas, boletins, monografias e dissertações. No mesmo passo, este trabalho mobilizou a utilização de um grande acervo de fontes iconográficas que, com seus contornos, operaram igualmente aos textos, como elementos criadores ou reforçadores de representações. Assim sendo, privilegiando a utilização de fontes de diversas naturezas, bem como tecendo essa movimentação no enfoque que transcorre do macro ao micro, ressaltando o segundo ao primeiro, assumimos características teórico-metodológicas que alocam nosso estudo nas dimensões da História Cultural. Evidenciou-se que após a realização da Universíade de 1963, há indícios que não houve continuidade em algumas ações desencadeadas em razão do evento. Esse quadro de abandonos se intensifica quando direcionamos o olhar à elaboração de políticas públicas para a difusão das práticas esportivas na cidade.

Palavras-chave: História do Esporte, Jogos Mundiais Universitários, Clubes.

ABSTRACT

The efforts of the present study had been concentrated in understanding the transformations brought from University World-wide Games occurred on the 1963 year, the Universíade of 1963, for the sporting scene of Porto Alegre, city headquarters of the event. One expects, with this research, to bring plus contribution about University World-wide Games relevance to Porto Alegre, choosing for such, as focus of analysis, the occurred modifications in the structure and the functioning of the main sporting clubs of the time. In this manner, to approach us of the reality generated for such changes meant, in the limits of this study, an incursion on the representations that of those had occupied in supporting, sources printed of diverse natures, namely: magazines, periodicals, commemorative books of the esportivs clubs, specialized workmanships, registers, bulletins, monographs, dissertations and theses, amongst which, the Magazine of the Globe and the Periodical Post office of the People constitute privileged points of support. In the same step, this work mobilized the use of a great quantity of iconographic sources that, with its contours, had operated equally to the texts, as creative or stiffener elements of representations. Thus being, privileging the use of sources of diverse natures, as well as weaveeing this movement in the approach that transcorre of the macro to the micron, standing out according to the first one, we assume characteristics theoretician-methodologicals that place our study in the dimensions of Cultural History. After the 1963 University World-wide Games realization, the clue found through this research points that some actions developed during the event didn't have continuation. This picture of abandon gets more intense when we put our look to the sports practicing public political elaboration in the city.

Words-key: History of the Sport, University World-wide Games of 1963, clubs.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E TABELA

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	14
2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
3 A ESPERA DE UM FENÔMENO ESPORTIVO INTERNACIONAL	26
3.1 O Brasil vai sediar a Universíade de 1963	26
3.2 O cenário sócio-histórico da Universíade de 1963	29
4 PORTO ALEGRE SE PREPARA PARA A UNIVERSÍADE DE 1963	37
5 PORTO ALEGRE TORNA-SE A CAPITAL MUNDIAL DO ESPORTE	57
5.1 A Cerimônia de Abertura da Universíade de 1963	63
5.2 As competições esportivas da Universíade de 1963	74
5.3 A ausência dos Estados Unidos na Universíade de 1963 e a fuga do atleta cubano	87
6 O ENCERRAMENTO DA UNIVERSÍADE DE 1963: “ILHAS DE LEMBRANÇA”	93
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	111

Lista de Figuras e Tabela

Figura 1	Parque Farroupilha, ao lado da Avenida Osvaldo Aranha.....	38
Figura 2	Antiga sede do Banco do Brasil em Porto Alegre	39
Figura 3	Visita da Miss Brasil, Ieda Maria Vargas, ao Comitê Organizador da Universidade 63.....	40
Figura 4	Policiais Femininas de São Paulo, responsáveis pela segurança da Universidade de 1963 em visita à polícia Técnica de Porto Alegre.....	41
Figura 5	O “Mata-Borrão” foi a sede do Serviço de Imprensa da Universidade.....	45
Figura 6	Um grupo de tradutores e locutores trabalhou intensamente na transmissão dos boletins em língua estrangeira	46
Figura 7	Ligada diretamente ao “Mata-Borrão” e transmitindo de todos os locais dos jogos, a equipe da Rádio da Universidade deu ampla cobertura à Universidade de 1963.....	46
Figura 8	Pela foto pode-se ter uma idéia do que foram os trabalhos de seleção e treinamento dos intérpretes	48
Figura 9	Para a realização da Universidade de 1963, em Porto Alegre, foram necessárias algumas adaptações nos ginásios e pistas	50
Figura 10	Alojamento da quase totalidade dos atletas da Universidade de 1963.....	51
Figura 11	O movimento da Vila Olímpica, ao meio-dia, dirigia-se para o refeitório.....	52
Figura 12	Capa do Cardápio Oficial da Universidade de 1963.....	53
Figura 13	Um cozinheiro que falava sete idiomas: o melhor intérprete do refeitório.....	54
Figura 14	Ao meio dia, no refeitório, as mesas iam-se humanizando em gestos, barulho de talheres e palavras confusas.....	54

Figura 15	Edição especial sobre a Universíade de 1963 na Revista do Globo.....	55
Figura 16	Painel de azulejo comemorativo à Universíade de 1963. Piscina do Grêmio Náutico União. Atleta masculino no Salto Ornamental.....	58
Figura 17	Painel de azulejo comemorativo à Universíade de 1963 nas dependências do Grêmio Náutico União. Atleta.feminina de natação e bandeira dos países ao redor.....	59
Figura 18	Painel de azulejos comemorativo à Universíade de 1963 nas dependências do Grêmio Náutico União.....	59
Figura 19	Painel de azulejo comemorativo à Universíade de 1963 referente à Ginástica Olímpica no Grêmio Náutico União.....	60
Figura 20	Material de divulgação da Universíade de 1963.....	60
Figura 21	Bandeira Oficial da Universíade, com símbolo ao centro: U e estrelas.....	61
Figura 22	Edição especial sobre a Universíade de 1963, capa da Revista do Globo de setembro de 1963.....	62
Figura 23	Cerimônia de abertura da Universíade de 1963 - Desfile das delegações dos países no Estádio Olímpico do <i>Grêmio Football Porto Alegre</i>	64
Figura 24	O estádio Olímpico do Grêmio <i>Football</i> Porto-Alegrense foi palco da abertura e encerramento da competição.....	69
Figura 25	Desfile das delegações dos países na Cerimônia de Abertura.....	69
Figura 26	Delegação Russa na Cerimônia de Abertura Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre.....	70
Figura 27	Desfile das deleções dos países na Cerimônia de Abertura	70
Figura 28	Banda toca na cerimônia de abertura da Universíade de 1963.....	71
Figura 29	Discursos na cerimônia de abertura da Universíade de 1963.....	71
Figura 30	Atendendo solicitações de algumas das delegações, diversas pistas atléticas de estádios da capital tiveram que sofrer adaptações	75
Figura 31	Seleção Brasileira de Voleibol no Ginásio do Grêmio Náutico União.....	77
Figura 32	Partida final de voleibol. Brasil 3 X Cuba 1	78

Figura 33	Quadras da Associação Leopoldina Juvenil, Tênis Feminino.....	79
Figura 34	Associação Leopoldina Juvenil. Competição tenística entre a dupla brasileira e a italiana: respectivamente, Sfoggia-Koch e Riedl Maioli	79
Figura 35	Barbel Urban (atleta da Alemanha), medalha do ouro no salto ornamental realizado na piscina do Grêmio Náutico União.....	80
Figura 36	A maioria das provas de natação foram levadas a efeito na piscina térmica do Grêmio Náutico União	81
Figura 37	Piscina do Grêmio Náutico União onde aconteceram as provas aquáticas da Universíade de 1963.....	82
Figura 38	Cerimônia de premiação dos vencedores da competição de natação.....	83
Figura 39	As arquibancadas do Grêmio Náutico União, ficaram literalmente tomadas pelo público nas competições de ginástica olímpica.....	84
Figura 40	O ponto alto de todas as provas foi o basquete, pela presença de grandes estrelas desse esporte. Em especial, a participação do bicampeão mundial, Succar	85
Figura 41	Nos momentos de folga, os cubanos descansam na sacada dos apartamentos da Vila Olímpica. Para não esquecer seu país, colocaram abaixo a bandeira cubana.....	88
Figura 42	Manchete em Jornal – Fuga de Atleta da Delegação de Cuba.....	89
Figura 43	Boletim Union Deportiva Cuba Libre.....	90
Figura 44	Charge sobre Fuga de Atleta Cubano no Boletim Union Deportiva Cuba Libre.....	90
Figura 45	O último almoço teve sabor de ausência, antecipando a partida. Apesar disso, os atletas confraternizaram pela última vez no refeitório engalanado para a ocasião	95
Figura 46	Por este corredor, passaram atletas, intérpretes e dirigentes.....	97
Figura 47	O lugar onde outrora os intérpretes faziam suas reuniões e aprendiam como tratar os visitantes mostra apenas cadeiras vazias e silentes.....	98
Figura 48	Selos comemorativos - Universíade de 1963.....	99

Figura 49	Ao final, era pôr as malas no ônibus e rumar ao local de embarque.....	100
Tabela 1	Quadro de medalhas (KOCH, 2003).....	86

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Nesses 47 anos de minha trajetória profissional dedicados à docência, não lembro ter surgido alguma vez, qualquer investimento que fora capaz de me desafiar tanto, quanto aquele mobilizado no curso de mestrado. Para além de uma qualificação profissional, a experiência do referido curso apresentou-se a mim em suas particularidades com uma intensidade ímpar, irradiadora de imensas possibilidades de superações e vitórias. Assim, é com esse espírito científico que finalizo o presente estudo: a partir da noção de que chegar até aqui foi, verdadeiramente, uma grande vitória.

Ao contrário de muitos jovens professores que, embalados pelas exigências institucionais atuais, vislumbram o curso de mestrado como uma realidade concreta e obrigatória para a possibilidade do alcance da docência universitária; posso considerar-me numa posição privilegiada diante do campo: após deliciar-me das dores e das delícias de uma vida dedicada à profissão, o mestrado veio, senão, a consagrar todo esse processo. Nesse sentido, lembranças e emoções estão, inevitavelmente, incorporadas e subentendidas em todas as linhas aqui escritas. Julgo que não poderia ser diferente, mesmo que o buscasse e o quisesse.

Foi justamente o impulso gerado por sentimentos apaixonados pelo campo da educação física e dos esportes, como os acima relacionados, que conduziu a escolha do objeto a ser pesquisado. Se de um lado, minha vida dedicou-se à docência, de outro, complementava-se pela entrega, “de corpo inteiro”, à prática de esportes coletivos. Nesse quadro, minha construção enquanto atleta foi atravessada por muitos acontecimentos que marcaram sensivelmente minha trajetória, dentre os quais, destaco os Jogos Mundiais Universitários, ocorridos no ano de 1963 – Universidade de 1963 – na cidade de Porto Alegre.

A Universidade de 1963 constitui-se no objeto central de análise do presente estudo e, talvez esta tenha sido justamente a maior dificuldade encontrada, a qual se localiza no tênue limite que separa, nesse caso, objeto e pesquisador. Se assumir a posição de pesquisador já não se constitui uma tarefa fácil no campo científico, o que poderíamos dizer quando tal pesquisador é, ao mesmo tempo, parte do objeto a

ser pesquisado? Assim, ainda que fizesse o esforço da vigilância epistemológica tão advogada por Bourdieu¹, procurando assumir uma postura ativa de contínua atenção à influência dos pressupostos do pesquisador sobre os resultados do trabalho científico, a essência dessa realidade, inundada em representações particulares, insiste em se construir e se reconstruir em meu olhar. Se o autor Bourdieu (2001) estava certo ao afirmar que “o real é relacional”, ou seja, é construído *na* relação e *em* relação à posição a partir da qual o sujeito constrói o seu discurso e defende seus interesses, ora, isto sublinha justamente a complexidade de um real poroso, marcado por possibilidades múltiplas de influência em sua composição.

A Universíade – termo que tem sua origem na junção das palavras *universidade* e *olimpíada* – é uma competição esportiva que reúne universitários do mundo inteiro, sendo considerado o maior evento esportivo organizado pela Federação Internacional de Esporte Universitário, cuja estrutura organizacional espelha-se no modelo dos jogos olímpicos da era moderna. É interessante destacarmos que, tal evento permanece firme no cenário esportivo mundial até os dias atuais, no qual, assume novas configurações estruturais e sociais.

De acordo com Koch (2003), as edições anteriores à Universíade de 1963, foram realizadas, respectivamente, em Turim, na Itália, em 1959, e na cidade de Sofia, na Bulgária, em 1961; ambas contando com a participação de atletas gaúchos. Nesta última, foi gestada a candidatura do Brasil para ser o país-sede do evento em sua próxima edição. Assim, no ano seguinte, em 1962, na reunião da *Fédération Internationale du Sport Universitaire* (FISU), realizada em Londres, tal fato fora confirmado: pela primeira vez, os Jogos Mundiais Universitários seriam realizados em um país da América.

Após a definição de que a Universíade de 1963 seria realizada no Brasil, coube aos dirigentes esportivos decidirem qual o Estado e qual a cidade brasileira que acolheria o evento. Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, foi a cidade escolhida para tal feito (NOGUEIRA, 2004). Pela ausência de experiências

¹ Valle (2007) ressalta que na busca por contornar a oposição entre o subjetivismo e o objetivismo, Bourdieu desenvolve sua teoria da prática, que visa ultrapassar o objetivismo sem cair no subjetivismo, levando em consideração a primeira condição à cientificidade da pesquisa sociológica, qual seja: a ruptura com a experiência imediata. Segundo a autora, Bourdieu (2001) reconhece a complexidade de tal ruptura, uma vez que os pesquisadores em ciências sociais participam diretamente de um determinado mundo social (grupo ou classe), estando envolvidos por uma determinada linguagem, por conceitos e valores comuns da vida cotidiana.

com atividades organizacionais como esta, sobretudo, de âmbito internacional, o planejamento da Universíade de 1963 constituiu um desafio a ser enfrentado, não apenas pelos dirigentes esportivos gaúchos, mas também, por toda a comunidade porto-alegrense, num sentido amplo.

É inegável que, em alguma medida, o evento causou impactos no cenário esportivo porto-alegrense. Para além de avanços técnicos, objetivados nos novos equipamentos e materiais adquiridos e nas construções esportivas edificadas pela cidade, acredita-se que a Universíade de 1963 trouxe, na mesma medida, transformações de natureza sócio-cultural para os porto-alegrenses, “ensinando-os” uma nova maneira de se relacionar e representar o campo esportivo. Nesse caminho, os esforços do presente estudo concentraram-se em compreender as transformações trazidas pelos Jogos Mundiais Universitários de 1963 – Universíade de 1963 – ao associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre.

Na mesma medida, a investigação sobre a Universíade de 1963 aumenta em complexidade, pois já passaram 46 anos da realização do evento. Apesar da dimensão internacional da Universíade de 1963, há poucos estudos (KOCH, 2003; NOGUEIRA, 2004) que se detém a investigar o tema. O primeiro trata, fundamentalmente, da história e dos resultados das competições esportivas da Universíade de 1963; enquanto que o segundo apresenta uma reconstrução da memória da Universíade de 1963, através da perspectiva dos jornais. Espera-se, com esta pesquisa trazer mais uma contribuição sobre a relevância dos Jogos Mundiais Universitários para Porto Alegre, elegendo para tal, como foco de análise, as modificações ocorridas na estrutura e no funcionamento dos principais clubes da época que sediaram as competições esportivas.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

*Um acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo que
revela; menos pelo que é do que pelo que provoca*
Pierre Nora

Aprender a complexidade que envolveu o processo de organização e realização da Universidade de 1963 em seu contexto histórico, e entender as representações por ela geradas no cenário do associativismo esportivo da capital do Estado do Rio Grande do Sul, exigiu que, nos limites deste estudo, fizéssemos a opção por uma base teórica que fosse capaz de sustentar análise desse fenômeno. Quando se dispõe de bons referenciais teóricos, aumenta-se muito a velocidade com que se “assimila” uma determinada realidade, além de se aumentar, também, a qualidade com que essa assimilação acontece. Além disso, sabe-se que a escolha do aporte teórico, por sua vez, implica na determinação de nossos recursos metodológicos.

Assim, para melhor explicitar as referidas “opções teóricas” eleitas, privilegiamos aqui o pilar investigativo que atravessou e sustentou esta pesquisa, a partir do qual, tornou-se possível revelar os principais conceitos trabalhados: a Universidade de 1963 enquanto fenômeno esportivo internacional que, a partir das exigências impostas por sua magnitude, impulsionou uma série de mudanças nas diversas estruturas que sustentavam o fenômeno do associativismo esportivo porto-alegrense. Desse modo, aproximar-nos da realidade gerada por tais mudanças significou uma incursão sobre as representações que daquelas ocuparam-se em sustentar, fontes impressas de diversas naturezas, a saber: revistas, jornais, livros comemorativos dos clubes esportivos, obras especializadas, boletins, monografias e dissertações, dentre as quais, a Revista do Globo² e o Jornal³ Correio do Povo

² Destacada revista no Estado do Rio Grande do Sul, editada pela Livraria Editora Globo no período de 1929-1967. Foi produzido um Catálogo das reportagens sobre o Esporte e a Educação Física na Revista do Globo publicada durante o período de 1929 a 1967, totalizando 943 exemplares (MAZO, 2004) disponibilizando fontes históricas para a pesquisa.

³ Os jornais são fontes de consulta passíveis de considerações sobre sua validade, tendo em vista as circunstâncias que envolvem sua produção. O imediatismo do noticiário e a urgência da composição para venda no horário previsto não permitem a precisão. Tais fatores geram a superficialidade

constituem pontos privilegiados de apoio. Tais fontes foram localizadas em acervos particulares, arquivos públicos, bibliotecas, clubes, federações esportivas, fundações, memoriais e museus e submetidas à técnica de análise documental, conforme os termos descritos por Bardin (1977). Esta técnica organiza-se a partir de diferentes fases, enfatizando três pólos seqüenciais:

- a) Pré-análise, que é o levantamento e seleção dos documentos a serem submetidos à análise e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Entendemos que é uma espécie de guia sobre as fontes a serem pesquisadas, orientada pelos objetivos claramente explicitados do tema a ser estudado. Esta etapa do nosso trabalho foi realizada a partir do levantamento das bibliografias que ofereceram elementos para a contextualização do nosso objeto de estudo;
- b) A exploração do material, que consiste em codificar o material de acordo com os objetivos propostos inicialmente, ou seja, reunir os dados brutos da pesquisa. No nosso estudo, essa fase foi feita a partir da leitura do material levantado e seleção dos dados quantitativos e qualitativos que fundamentaram a nossa proposta inicial;
- c) O tratamento dos resultados, a inferência, a interpretação. Esta fase corresponde a um trabalho em que os dados brutos obtidos inicialmente são tratados de forma a serem significativos e válidos para a pesquisa, portanto, devem estar alinhados aos objetivos propostos. Nesta fase elaboramos os argumentos a partir das evidências qualitativas.

Bardin (1977) ressalta que “tratar o material é codificá-lo”, o que nos leva a correlacionar e comparar, nesse estudo, dados quantitativos e qualitativos, pois através de diferentes fontes, pode-se evidenciar um conjunto de informações que permite uma maior aproximação do nosso objeto. Para Bardin (1977), a abordagem quantitativa funda-se na freqüência de aparição de certos elementos da mensagem, e a análise qualitativa contribui para a elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento. Assim, partimos do pressuposto de que os dados quantitativos oferecem informações pontuais, descrevendo fatos, enquanto que os dados

nas explicações dos acontecimentos, caracterizando a finalidade informativa do jornal. Thompson (1992) alertou que a evidência jornalística pode ser enganosa e imprecisa: “Isto se dá porque raramente têm condições de destrinchar as possíveis fontes de distorção em jornais antigos. Podemos saber quem era o proprietário do jornal e, talvez, identificar seus vieses políticos ou sociais; nunca, porém, se poderá mais do que conjecturar sobre se o colaborador anônimo que redigiu determinada matéria partilhava daqueles vieses”.

qualitativos dão significação às mensagens, ao mesmo tempo em que permitem uma melhor compreensão dos dados quantitativos.

No que diz respeito às categorias teórico-metodológicas, o entendimento de *representação* assumiu aqui os contornos definidos por Chartier (1994). Para este autor (1994), tal conceito possibilita à construção de novos espaços de pesquisa onde a própria definição das questões obriga a inscrever os pensamentos claros, as intenções individuais, as vontades particulares, nos sistemas de constrangimentos coletivos que, ao mesmo tempo, os tornam possíveis e lhes põem freios. Nesse sentido, a leitura de *representação* aqui encampada, encontra em Meyer (1998) a expressão de seu teor: representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos são construídos.

Chartier (1994) defende ainda, que o referido conceito permite designar e ligar três realidades maiores: primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e *performances* simbólicas através da imagem, do rito; e, finalmente, a *presentificação* em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade.

Os trabalhos historiográficos que abordaram essa tripla face do conceito de representação são numerosos, e esse fato se deve, segundo o autor (CHARTIER, 1994), a duas razões centrais, tão distintas quanto complementares: por um lado, que os enfrentamentos sociais baseados nas confrontações diretas, brutais, sangrentas, que tão fortemente caracterizaram as sociedades ocidentais da Idade Média, tenham cedido cada vez mais lugar a lutas que têm por armas e por objetos as próprias representações, e de outro, pelo entendimento de que o reconhecimento social concedido (ou recusado) às representações que os próprios grupos propõem de si mesmos, que depende a autoridade de seu poder ou de sua força, enquanto grupo.

Vale lembrar que em outro momento, Chartier (1991) afirmava que em determinadas situações, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; e em outras, consiste na apresentação de uma presença, ou seja, na apresentação pública de uma coisa

ou de uma pessoa. Assim imbricadas, *realidade representada e representação da realidade* devem reforçar uma mesma mensagem desejável, aceitável e nobre a ser lida e então, apreendida pela hierarquia social a qual pertencem.

No mesmo passo, este trabalho mobilizou a utilização de um grande acervo de fontes iconográficas que, com seus contornos, operaram igualmente aos textos, como elementos criadores ou reforçadores de representações. A fotografia como instrumento mecânico, sem possibilidade de atingir o estatuto de arte, como prova do real, configura, assim, a concepção do senso comum. Portanto, os efeitos utilizados para compor o olhar oficial não são percebidos e, assim, a sociedade recebe os registros como expressão da verdade. Isso nos remete a uma reflexão sobre a pretensa neutralidade da fotografia. O registro fotográfico nunca é neutro, pois está impregnado da visão que o fotógrafo pretende dirigir à percepção dos consumidores de uma determinada imagem. Assim, de acordo com Barros (2005) recorrer à análise de imagens fotográficas obriga o pesquisador a refletir sobre a produção social do olhar, encontrando imagens na especificidade de um circuito social, de um campo semântico, de uma comunidade de sentido.

Os cuidados no trabalho com este tipo de fonte são muitos, pois as imagens são fontes que se dão aos mais diversos tipos de leitura e interpretação, assim, uma mesma imagem pode ter seu significado mudado de acordo com o tipo de olhar que é lançado sobre ela. As imagens são representações do mundo elaboradas para serem vistas. Como afirma Pesavento (2003, p. 29):

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.

Nesse caminho, torna-se evidente reconhecer o alto grau de dependência que se estabelece entre as representações sociais e a própria sociedade, no que diz respeito aos valores e às posições por aquelas ocupadas na hierarquia social. Emerge, então, a noção do espaço social enquanto um campo de forças (Bourdieu, 1996), no qual, as lutas travadas entre os indivíduos se dão no plano simbólico e visam, por meio da sobreposição de forças, a conquista de uma posição autorizada a qualificar e a classificar as demais posições sociais e, no mesmo passo, as demais representações circulantes neste espaço. Não se pode pensar, nesses termos, que

existe uma classificação única e objetiva das instituições e dos grupos sociais, mas sim que há uma luta de classificação, uma luta para a classificação, ou seja, uma luta de representações.

É a partir desse olhar que visualizamos os conteúdos que relacionavam a Universidade de 1963 às modificações ocorridas no associativismo esportivo de Porto Alegre, trazidos pelas fontes impressas sobre as quais nos debruçamos: como o produto consagrado de uma luta de representações. Mais do que as mudanças em si, ou mesmo, do que a comprovação de sua veracidade importa-nos registrar aqui o que consta como legítimo nas páginas do referido material, analisando algo muito próximo de uma representação oficial da Universidade de 1963; algo que se pretendeu inscrito nos limites de uma memória oficial (Pollack, 1989) ou mesmo coletiva (Halbwachs, 2004) do evento.

Nesse sentido é imperativo ressaltarmos a lucidez de estarmos nos apropriando, por meio das fontes impressas, da representação da Universidade de 1963 posta em marcha por uma voz socialmente autorizada e assim nomeada para tal feito. No entanto, este estudo é norteado menos pela intenção de reforçar a oficialidade de tal discurso, do que a ele dar a ver uma projeção investigativa abrindo, assim, possibilidades a novos estudos que o elejam como objeto de análise, e sobre ele lancem novos olhares e novos questionamentos.

Assim sendo, privilegiando a utilização de fontes de diversas naturezas, bem como tecendo essa movimentação no enfoque que transcorre do macro ao micro, ressaltando o segundo ao primeiro, assumimos características teórico-metodológicas que alocam nosso estudo nas dimensões da Nova História Cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004). Conforme nos ensina Peter Burke (2005), a despeito de raízes, ocorrências e influências anteriores, a História Cultural melhor se sistematiza na década de 1970, resignificando tanto quanto revolucionando, uma variedade de abordagens conceituais ao possibilitar a emergência de novos paradigmas.

Nesse sentido, Burke (2005) aponta os usos de autores advindos “de fora” do campo da história, como uma das características marcantes das pesquisas científicas inscritas nas dimensões da NHC. Destacadamente o autor elege Mikhail Bakhtin, Norbert Elias, Michel Foucault e Pierre Bourdieu como os principais teóricos cujas obras foram particularmente importantes à geração de “novos pesquisadores”. Suas utilizações e apropriações justificam-se menos por uma

aplicação direta de suas idéias ao passado que por uma grandiosa possibilidade de testar as teorias e assim, investigar novos temas históricos ou revisitar antigos.

Se emergirem novos autores, as “práticas” aparecem entre o grupo dos novos paradigmas, fazendo importar, por exemplo, a história das práticas religiosas e não da teologia (BURKE, 2005). É também, como nos lembra Melo (2008), a partir dos diálogos estabelecidos com a Antropologia, no âmbito da busca e valorização da cultura como objeto de pesquisa nas ciências humanas e sociais, que as diversas “práticas” ganham relevância e passam a ser causa e objeto de investigações históricas. É justamente na guinada rumo às práticas, que Burke (2005) nos alerta sobre a importância e o espaço dados à História do Esporte, sobretudo no meio acadêmico: de tema de amadores, essa subárea da Educação Física tornou-se profissionalizada, inclusive pela criação e circulação de suas próprias revistas.

No mesmo passo, Chartier (2000) considera que a História Cultural permite identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Nessa perspectiva a cultura é pensada como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens. Sendo assim é observada enquanto *prática* e estudada através de categorias como *representação* e *apropriação*. O autor aponta ainda que ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 1991).

Acerca de suas finalidades, Burke (2005, p. 31) revela que “a história cultural se torna uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado”. Compreende-se a partir desta abordagem historiográfica, que a história é uma narrativa de representações do passado, que formula versões plausíveis de experiências que se passam por fora do vivido (PESAVENTO, 2004). Sabe-se que este processo é complexo, pois, ao lidar “com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele ”o historiador – pesquisador – vai tentar a

leitura dos códigos de outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis, dados os filtros que o passado interpõe.

**3 A ESPERA DE UM FENÔMENO
ESPORTIVO INTERNACIONAL**

3 A ESPERA DE UM FENÔMENO ESPORTIVO INTERNACIONAL

3.1 O Brasil vai sediar a Universíade de 1963

A candidatura do Brasil para sediar a U-63 foi encaminhada na Universíade de Sofia, na Bulgária, em 1961. Esta era a segunda edição do evento, que tinha ocorrido pela primeira vez em Turim, na Itália, no ano de 1959. A iniciativa de realização deste evento deve-se a *Federation International du Sport University* – Federação Internacional do Esporte – (FISU), fundada em 1949, mas cuja existência é datada de 1920 (KOCH, 2003).

A FISU é um órgão independente, que atua como um Comitê Olímpico Universitário, cujas finalidades iniciais foram criadas pelo francês Jean Petit-Jean. Dentre as principais finalidades a ela atribuídas, destaca-se a defesa do esporte amador e a confraternização entre os povos (*Folha da Tarde*, 25/07/1963). A valorização do esporte amador entre os universitários das mais diversas partes do mundo está, por sua vez, entre as metas da Universíade, que anteriormente era chamada de 'Jogos Mundiais da FISU' (*Folha da Tarde*, 10/08/1963). O nome Universíade foi adotado em 1959, resultando da junção dos termos *Universidade* e *Olimpíada*.

Com a mudança de nome, o evento passou a ser realizado de dois em dois anos e transformou-se no maior acontecimento esportivo organizado pela Federação Internacional do Esporte Universitário. Os eventos são chamados *Summer Games* e *Winter Games*, conforme a estação do ano, verão e inverno, no continente europeu, de onde provém. Portanto, a Universíade de 1963 fez parte dos *Summer Games* e foi a terceira competição a adotar tais contornos. Em compasso com as referidas determinações, é interessante citarmos que atualmente já estão programadas a Universíades de Inverno, em Turim (2007); Harbim (2009) e Erzurum (2011) e, o mesmo tempo, as Universíades de verão, em Bangkok (2007); Belgrado (2009).

O movimento esportivo universitário tinha interesse em difundir suas idéias na América Latina. Este pode ter sido um dos motivos que favoreceu a escolha do Brasil para a realização da terceira edição da Universíade. A decisão final da

candidatura apresentada na Universíade de 1961, pelos universitários brasileiros, somente ocorreu na reunião realizada em Londres em 1962.

O Brasil, portanto, sediaria a próxima Universíade que ocorreria no ano de 1963. Confirmada que a competição seria realizada no Brasil, o próximo passo seria a escolha do Estado e da cidade brasileira que realizaria o evento. Houve, por certo, determinada demora para decidir o local exato que sediaria o evento. São Paulo, o maior centro esportivo do país, não demonstrou interesse, pois no mesmo ano realizaria os Jogos Pan-Americanos. Assim, o Estado do Rio Grande do Sul, após disputar a concorrência especialmente com Minas Gerais, foi escolhido para realizar a Universíade de 1963, em sua capital, Porto Alegre.

A escolha de Porto Alegre causou surpresa até mesmo para os porto-alegrenses, pois a cidade era uma capital de pequeno porte para sediar um evento de caráter mundial. Porto Alegre recebeu a notícia de que seria a cidade sede dos Jogos Mundiais Universitários de 1963, em janeiro de 1962 (KOCH, 2003), ou seja, a confirmação foi informada aproximadamente um ano e sete meses antes do início do evento. Apesar do curto tempo para a organização de um evento desta grandeza, a capital do Estado do Rio Grande do Sul mobilizou-se positivamente, colocando-se em marcha, no sentido de organizar o grande acontecimento.

Porto Alegre, quando foi escolhida para ser a sede da Universíade de 1963, tinha aspectos característicos de cidade do interior. O desenvolvimento sócio-cultural da cidade não acompanhava o ritmo imposto pelas grandes metrópoles brasileiras. O jornal porto-alegrense Diário de Notícias em defesa da capital do estado referiu que as grandes cidades não poderiam viver totalmente em função dos jogos, pois não conseguiam despertar interesse em grande parte da população. Outro jornal local reforçou a escolha de Porto Alegre registrando que as grandes metrópoles não reuniam as condições para cumprir as três finalidades principais dos Jogos: o esporte, a confraternização e a aproximação entre os povos (FOLHA DA TARDE, 25/07/1963).

A capital do Rio Grande do Sul, nos anos de 1960, estava passando pelo processo de transformação dos espaços urbanos, das formas de sociabilidade pública e da cultura urbana (MONTEIRO, 2004). Porém, a administração municipal, tendo a frente o prefeito Loureiro da Silva, sofria os reflexos da séria crise econômica, agravada pela alta inflação que atingira o país, nos momentos iniciais do Golpe Militar de 1964 (SKIDMORE, 1976). Após vivenciarmos nos anos de 1963 a

1967, por conta da política de estabilização monetária imposta pelo Fundo Monetário Nacional - materializada no PAEG (Plano de Ação Integrada do Governo) - chegamos a 1968 com índices que, embora reconhecidamente manipulados pelos interesses governamentais, apontavam a situação econômica brasileira em crescente desenvolvimento e a ditadura militar como autora desse grande feito. Contudo para Santos (1995) no período de 1963 a 1967, configurou-se como a depressão econômica mais séria da história econômica do pós-guerra no Brasil⁴.

Além das dificuldades financeiras, o momento político brasileiro também era delicado. João Goulart, presidente do Brasil de 1961 a 1964, popularmente conhecido como Jango, assumiu a presidência do país em razão da renúncia de Jânio Quadros em 1961, após um período de muita resistência e discussão política. Portanto, o quadro político que se delineava ressaltava que a sociedade brasileira estava mergulhada em crises estruturais, quando da realização da Universidade de 1963.

Porto Alegre, a capital fria e provinciana do extremo sul, no mesmo passo, era marcada por contrastes. A cidade estava situada entre as quatro maiores do país. Era um ativo centro econômico e tinha o maior porto fluvial do Brasil. Além disso, a maioria dos 720 mil habitantes é descendente dos imigrantes europeus⁵. É preciso levar em conta, no entanto, que o desenvolvimento sócio-cultural de Porto Alegre, nesta época, não acompanhava o ritmo das grandes metrópoles brasileiras. A cidade dos Pampas ou 'Cidade Sorriso', como Porto Alegre é apontada por Cabral (1963), possuía ainda aspectos característicos de cidade de interior. Porém, combinando com o quadro mundial da década de 1960, a Universidade de 1963 surge em um período marcado pelos anseios do "novo", pelo entusiasmo da progressão nacional, mas também, não custa reiterar, em meio a uma crise mundial, principalmente no que diz respeito a questões políticas (KOCH, 2003).

Assim, no ano de 1963 a cidade de Porto Alegre foi sede de uma das maiores festividades esportiva da referida década: Os Jogos Mundiais Universitários (Última Hora, 31/08/1963). Durante uma semana, de 30 de Agosto a oito de Setembro de 1963, Porto Alegre voltou-se para os acontecimentos da Universidade de 1963. Cabe

⁴ Francelino (2004) nos alerta sobre o quanto é importante mencionarmos que boa parte das reformas impostas pelo Plano de Ação Integrada do Governo só foram possíveis de serem implementadas porque o país passava por um regime ditatorial, dada a quantidade de medidas impopulares que se colocaram sobre a sociedade.

⁵ Texto publicado no primeiro Boletim Informativo do departamento de Imprensa da Universidade de 1963.

lembrar que, perdendo em importância somente para os Jogos Olímpicos, a Universíade era considerada o segundo maior acontecimento do mundo. De fato, o evento era considerado uma prévia para os Jogos Olímpicos.

Pode-se perceber que os Jogos Mundiais Universitários representavam um grande acontecimento, capaz de fazer “desabrochar” uma cidade para o mundo. Assim como os Jogos Olímpicos, os Jogos Mundiais Universitários possuíam esta capacidade de projetar e transformar estruturas públicas, econômicas e sociais.

Neste sub-capítulo serão abordados os contextos que conduziram os anos da década de 1960, onde, primeiramente, será realizada uma contextualização sócio-política. Assim, o foco será voltado para os acontecimentos no Brasil durante os anos de 1960, trazendo algumas idéias sobre o “antes”, governo de Juscelino Kubitschek, o “durante”, governo de Jânio Quadros e João Goulart, e o “depois”, o golpe de 1964. Tal abordagem justifica-se pelo fato de que assim procedendo, trataremos do período que compreende o desenvolvimento do objeto de estudo deste trabalho.

3.2 O cenário sócio-histórico da Universíade de 1963

A década de 1960 foi um período marcado pelo novo e pelas grandes manifestações culturais, políticas e da juventude mundial. De acordo com Paes (1992), encontram-se aí vários signos dos anos de 1960: “a década da rebelião, da contestação, da *imaginação*”. Temas como Guerra Fria, a construção do muro de Berlim, em 1961, a revolução Cubana, em 1959/1960, influenciaram e alavancaram acontecimentos em nível mundial. Discussões sobre capitalismo, socialismo, comunismo, multinacionais, eram “lugares comuns” neste período. Ainda de acordo com Paes (1992), o avanço tecnológico beneficiava principalmente países de primeiro mundo, onde a expansão das grandes companhias, principalmente americanas, cruzava as fronteiras de diferentes nações.

O lema “50 anos em 5”, antecedeu a década de 1960. Do governo de Juscelino Kubitschek (JK), que priorizara o desenvolvimento capitalista e a industrialização do Brasil, tem-se a memória da modernização de um país paralela à duplicação dos seus problemas. Fala-se de um governo que optou por seguir seu Programa de Metas, justamente por acreditar que através do desenvolvimento

industrial o país alcançaria sua afirmação nacional. A escolha do Governo de JK causou o rompimento com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a decisão de deixar a tarefa de combate à inflação e de quitar a dívida externa para os governos seguintes (PESAVENTO, 1994). Ao favorecer amplamente a expansão do capital estrangeiro “internacionalizando a economia brasileira” (PAES, 1992), o governo JK traz à tona diferenças sociais adquiridas devido à alta concentração de renda, aos baixos salários e à escassez de emprego. Tem-se aí a situação que leva o candidato Jânio Quadros à presidência do Brasil.

Em janeiro de 1961, Jânio Quadros e o seu vice João Goulart assumem a presidência da República. Conhecido pela sua proposta de “varrer” os descuidos administrativos e políticos do país, “Jânio fez da moralização nacional o carro-chefe da sua campanha” (PESAVENTO, 1994). Para sua eleição, Jânio Quadros foi apoiado por elites burguesas, principalmente aquelas ligadas às multinacionais, entretanto por oferecer a “cara” que o povo precisava durante sua candidatura, acabara por receber votos de todas as classes sociais (PAES, 1992). Mesmo sendo “de direita”, Jânio Quadros possuía ao seu lado um vice-presidente ligado a partidos “de esquerda”, João Goulart (Jango). De acordo com Paes (1992) e Pesavento (1994), passado já pela vice-presidência com Juscelino Kubitschek, Jango como também era conhecido, enfrentou grandes resistências já que se tratava de um político populista nacionalista ligado aos sindicatos. Jânio herdou do período JK o dilema de combinar a manutenção de um alto índice de investimentos no programa de industrialização com medidas de controle à inflação, tais como o congelamento salarial e o fim de subsídios à importação de certos artigos. De acordo com Pesavento (1994) foi no governo de Jango que o país assinou com os Estados Unidos as bases para o acordo sobre a garantia dos investimentos norte-americanos no Brasil.

O que se tem de lembranças do governo de Jânio são principalmente suas restrições morais. Proibira o uso de maiôs cavados nos desfiles de beleza, do lança perfume nos carnavais e as brigas de galo; tentou moralizar os serviços públicos (PAES, 1992), mas não conseguia evitar o desagrado “das direitas” com relação ao seu governo. Jânio, um presidente que mantinha relações com personagens como Che Guevara, e possuía ao seu lado companheiros como Leonel Brizola⁶,

⁶ Leonel Brizola, na década de 1960, era governador do Estado do Rio Grande do Sul. Leonel Brizola fez parte da delegação Brasileira participando da conferência da Organização dos Estados

conquistava “as esquerdas”. Importa lembrar, no entanto, que estes eram tempos de Guerra Fria (BARBOSA, 2002). Não suportando a pressão dos diferentes grupos de interesses da sociedade brasileira, Jânio acaba renunciando ao cargo de Presidente da República.

Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros abdica a presidência do Brasil. Trava-se, a partir de então, de uma corrida dos setores burgueses e militares para impedir a posse do vice-presidente, João Goulart. Em visita à China comunista, Jango, ao saber da renúncia de Jânio Quadros, volta imediatamente para o Brasil. De acordo com Pesavento (1994), João Goulart é apoiado pelo governador do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, que, juntamente com o III Exército, articula o movimento da legalidade. Conforme Barbosa (2002) a legalidade não teve apenas um protagonista, o governador Leonel Brizola. Apesar de sua incontestável liderança, foi imensa maioria do povo que fez a resistência.

Com a iminência de uma guerra civil, é aprovada pelo parlamento, a posse do vice-presidente. Jango assume não só a presidência, mas também um “luta” constante contra o regime parlamentar. De acordo com Pesavento, (1994), iniciava-se, então, o último e mais conturbado dos governos presidenciais da democracia populista.

Jango toma posse ainda sob o regime parlamentarista. Porém, frente às crises que o país vinha enfrentando, é antecipado o plebiscito que decidiria entre o presidencialismo ou a manutenção do regime parlamentar. Em 1963, o Brasil volta ao presidencialismo, e Jango possui agora mais autonomia para governar (PESAVENTO, 1994; PAES, 1992).

O governo de João Goulart aparece com propostas na direção oposta das do governo JK. Com o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, Jango pretendia diminuir a inflação através dos investimentos na indústria, reduzir as desigualdades regionais e estimular a desconcentração de renda reduzindo custos sociais (PAES, 1992). As propostas de Jango já eram conhecidas como beneficiadoras das classes dos trabalhadores. Mesmo durante o cargo de ministro do trabalho na era Getulista, Jango propunha a reforma do salário mínimo em 100%, o que travava, desde 1953, uma “ação” contra as classes burguesas (BARBOSA, 2002).

Americanos (OEA), em Punta del Este, no Uruguai. Durante a conferência Leonel fez elogios à Revolução Cubana e demonstrou seu respeito ao governo de Cuba (BARBOSA, 2002).

Mesmo com resistências e o desagrado de alguns grupos de interesse brasileiros e também, estrangeiros, o governo Jango conseguiu atingir algumas metas de seu planejamento. Passou-se a ter um controle sob o capital estrangeiro, fiscalizando importações e instituindo leis que forçassem as multinacionais e reinvestirem no país. Também no ano de 1963, a aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural permitiu aos trabalhadores do campo o direito a previdência social, férias, salário mínimo, oito horas de trabalho e o direito a criação de sindicato. No setor educacional, tiveram-se campanhas lançadas contra o analfabetismo e a criação da Comissão de Cultura Popular, em 1963 (PAES, 1992).

O fato é que Goulart causava “desagrado” tanto nas “forças de esquerda”, que exigiam o cumprimento das promessas e a construção de um país socialista, quanto na burguesia e nas classes média, que temiam o crescimento das tendências esquerdistas que cresciam no cenário nacional, passando do “movimento operário para outras instâncias da sociedade civil” (PESAVENTO, 1994). Desde a entrada do governo de Jango houve uma reação contrária da burguesia e das multinacionais, no sentido de organização de um golpe. Por trás desta ação estava o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), uma organização criada em 1961, e que, de acordo com Assis (2001), era formada por um grupo de empresários e democratas, que estava disposto a agir em defesa da pátria. Dreifuss (1987) acrescenta que, antes de ser um movimento que pretendia somente discutir sobre o destino político do país, o IPES era sim, uma campanha política, ideológica e militar contra o governo Goulart. A criação do IPES vinha com o intuito de reprimir movimentos populistas através de campanhas cinematográficas e o uso de propagandas massivas (ASSIS, 2001).

Paes (1992) ainda apresenta a preocupação do referido Instituto, ao ver, de um lado, o crescimento da frente popular nas eleições de 1962, liderada por Brizola, e de outro, o receio da perda do controle sobre o voto rural e sobre o voto dos analfabetos, pois, caso se efetivasse, tenderia para a “esquerda”. A partir daí, intensificou-se a oposição a nível nacional. De um lado crescia a propaganda envolvendo jornais (a única exceção foi a *Última Hora*), rádio e televisão fazendo denúncias de corrupção, de incompetência na condução da economia e de infiltração comunista no governo, de esquerda e de uma guerra revolucionária. Do

outro lado avançava ação do IPES-IBAD⁷-ESG articulando vários grupos civis e militares que conspiravam abertamente contra Goulart.

Em meio a uma disputa ideológica, em março de 1964, Goulart tenta ainda reverter a “crise” de seu governo no comício do dia 13, organizado no Rio de Janeiro, com a presença de ministros, governadores, militares, parlamentares, lideranças sindicais e estudantis. Esta ação precipitou o golpe e, em contrapartida, foram organizadas diversas manifestações pedindo o *impeachment* de Goulart. No final de março de 1964, o referido presidente, não contando mais com o apoio militar, prefere o exílio, deixando o país no dia 4 de abril (PAES, 1992). O Golpe de 1964 dá início a um dos períodos mais “duros” na história política e social do país, a saber, a chamada Ditadura Militar (1964-1985).

No que tange ao campo da Educação Física e dos Esportes, a partir da instauração do Período Militar no Brasil houve, sensivelmente, um investimento estratégico em um tipo específico de abordagem para a Educação Física: privilegiaram-se, sobremaneira, as práticas esportivas no interior das escolas e das universidades. De acordo com Ferraz (1999), o esporte de alto rendimento foi incorporado pela Educação Física escolar como conteúdo principal, centrando suas intervenções pedagógicas, na iniciação esportiva e na busca de novos talentos para a Nação. Nesse caminho, o mesmo processo pode ser percebido no interior das universidades, conforme expõe a reportagem:

“É fato comum em todo o mundo, inclusive no Brasil, e o de serem as universidades as maiores fabricas de atletas. Exceto o futebol, todos os demais esportes têm seus expoentes, de um modo geral, nos bancos universitários [...] A maioria dos recordistas mundiais estão cursando escolas superiores. Esse (sic) panorama é valido para o mundo inteiro “ (Revista do Globo, 1963, p. 15).

Expressão e causa de saúde física e mental, o esporte se pretendeu mensageiro do equilíbrio entre corpo e mente, servindo a um movimento político vertical, marcado ao mesmo tempo pela aparente distância das imposições e ideologias governamentais e pela proximidade com um sincero sentimento nacionalista de euforia e pertencimento. No mesmo passo seguiam as determinações direcionadas aos órgãos oficiais incumbidos da concessão de bolsas de estudo nos diversos cursos universitários. Descolada das imposições e distinções dos méritos intelectuais, exigindo do aluno, nesse sentido, apenas um desempenho

⁷ O IPES era associado ao Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), fundado por empresários e militares no final dos anos 1950 (PAES, 1992).

satisfatório, a prioridade na distribuição das bolsas deveria recair sobre os estudantes que se sagrassem campeões esportivos na área estadual, nacional e internacional.

Se a busca pela aptidão física norteava os objetivos e finalidades da Educação Física e a justificava em caráter obrigatório como parte da educação nacional, o esporte figurava no campo como seu conteúdo privilegiado. Os governos militares desenvolveram uma política para a Educação Física classificada por Ghiraldelli Júnior (1988) como *competivista*, na qual o esporte, visto como um setor estratégico para buscar a correspondência entre o desenvolvimento econômico e social era a máxima expressão. Os militares acreditavam que o esporte deveria ser aprendido na escola e que lá seria formada a base da pirâmide em cujo topo estariam os nossos campeões.

Absorvido, portanto, como conteúdo prioritário da Educação Física escolar, Ferraz (1999) aponta que o esporte de alto rendimento centrou sua intervenção pedagógica na iniciação esportiva e na busca de talentos para a nação. Assim, o esporte é evidenciado por Pazin (2004) por assumir uma importância simbólica no imaginário social, segundo o qual o Brasil era visto como uma nação vencedora, jovem, destinada ao futuro, ao desenvolvimento e, sobretudo, formada por um povo naturalmente disposto a vencer os problemas do País. Argumenta ainda o autor (2004) que, assumindo uma dimensão importante na vida cultural do país, a nova atenção dispensada aos esportes foi decorrente da construção de uma nova pedagogia corporal que via na massificação esportiva a materialização de ideais de competição, de jogo, de combate, mas, acima de tudo, de uma equipe, uma harmoniosa equipe como teria que ser a nação rumo ao progresso e ao desenvolvimento.

Sendo assim, as regras do esporte passaram a refletir as regras da vida. O esperado convívio “democrático” baseado numa cultura de “paz” pressupunha o constante controle corporal, a permanente educação dos gestos, dos pensamentos e, principalmente, o disciplinamento das maneiras e formas de comportamento individual e social. Belbenoit (1974) afirmou ser o esporte o fenômeno sociocultural mais importante da época.

No entanto, para a incorporação de valores como a disciplina e a ordem, o momento político vivido na década de 1960 exigiu e apostou numa educação do corpo que, prioritariamente, promovesse a saúde dos brasileiros. Importava ao

governo militar formar um corpo social saudável, onde a um só tempo todos e cada um eram igualmente peças-chave no alcance do desenvolvimento nacional. Sendo assim, a nova política educacional que emergia (re)inaugurava consigo novas formas pedagógicas de subjugar o corpo - por meio da utilização do esporte -, ao passo que anunciava e defendia um novo conceito de saúde, adequado ao novo momento e subordinado à responsabilidade e à participação do indivíduo.

Sob a égide de um sistema que se afirmava como democrático, a repercussão da política ditatorial se fez sentir de forma intensa nas configurações e nos rumos assumidos pelo Ensino Superior no Brasil. Aspiração de muitos, privilégio de poucos, as universidades brasileiras, nos chamados “Anos de Chumbo”, em um duplo movimento de resistência e conformação, parecem ter figurado ao mesmo tempo como vítimas e cúmplices da dominação política vigente. Como um dos lócus sociais dotados de maior potencial integrador e formador da (in)consciência individual e coletiva da juventude brasileira, prematuramente, as universidades atraíram os olhares atentos e repressores do governo militar. Assim, controlar a forma de organização e o conhecimento que circulava nos centros universitários foi medida providencial adotada pela política educacional militar para legitimar o estado de exceção.

Vale lembrar que a Universíade de 1963 foi realizada aproximadamente seis meses antes do golpe militar. Mas, conforme citado anteriormente, a decisão de trazer o evento para o Brasil ocorreu em 1962⁸. O sub-capítulo que segue procura mostrar este período anterior a concretização do evento.

⁸ Conforme consta no documento em anexo, a Universíade de 1963 representou um marco tão importante para a cultura esportiva da cidade de Porto Alegre, que há, nos dias atuais, a intenção de novamente aqui a realizar.

4 PORTO ALEGRE SE PREPARA PARA A UNIVERSIDADE DE 1963

4 PORTO ALEGRE SE PREPARA PARA A UNIVERSÍADE DE 1963

A organização da Universíade de 1963 foi realizada num curto espaço de tempo pelo Comitê Executivo⁹ criado para esta finalidade. Integraram o Comitê Organizador os seguintes personagens: José Antônio Aranha¹⁰, Henrique Halpern, Edgar Laurent, Darci Votto de Araújo¹¹, Adonis Escobar, Carlos Alberto Giulian, Jorge Ayub, Rivadavia Severo.

Alguns jornais anunciavam a preocupação com o atraso na organização do evento. Nesse sentido, os jornais e as rádios mobilizavam entidades esportivas e empresas para colaborar no evento, participando da recepção das delegações dos diversos países. Várias empresas responderam ao chamado do Comitê Organizador, cumprindo, assim, um papel social fundamental na recepção das delegações. Além das empresas, alguns clubes esportivos – *Esporte Clube Cruzeiro*, *Sport Club Internacional* e o *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense* – se ofereceram para apadrinhar as delegações, prestando todo o tipo de auxílio aos atletas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31/07/1963).

O poder legislativo municipal também foi solicitado para apoiar a realização do evento, através da visita de uma comissão de vereadores ao Comitê Executivo da Universíade de 1963. Este fato mostra a importância do evento para a cidade, pois normalmente, a Câmara Municipal não se envolve em tais assuntos (ÚLTIMA HORA, 17/08/1963).

Havia uma preocupação do Comitê com a organização técnica do evento, mas também, pairava o entendimento de que esta não poderia estar dissociada daquela que diz respeito, de modo mais particular, com o arranjo da própria cidade. Editoriais de alguns jornais manifestavam a preocupação com a apresentação da cidade para os visitantes e afirmavam que o evento não era responsabilidade exclusiva dos organizadores, mas da cidade como um todo. Diante de tantas

⁹ Integravam o Comitê: José Antônio Aranha – presidente, Luiz Augusto Bastian de Carvalho – diretor técnico. A sede estava localizada no antigo prédio do Banco do Brasil.

¹⁰ José Antônio Aranha – Presidente do Comitê Organizador dos Jogos Mundiais Universitários de 1963.

¹¹ Darci Votto foi um dos principais idealizadores da realização dos Jogos Mundiais Universitários de 1963 em Porto Alegre.

manifestações, a prefeitura reagiu às pressões, anunciando um plano de limpeza da cidade.

A administração municipal fez um apelo aos pichadores, para que não fizessem pichações até meados de setembro, quando a Universíade de 1963 estivesse encerrada. Outra providência foi a regularização dos “ambulantes”, que além de sujarem as ruas, também dificultavam o trânsito em locais de grande movimento, como no centro da cidade (FÔLHA ESPORTIVA, 18/07/1963). A cidade precisava apresentar-se limpa, bem cuidada, e até mesmo embelezada, pelo menos naqueles pontos ligados ao evento. Abaixo, enquanto a figura 1 retrata a cidade de Porto Alegre, embelezada para receber os atletas e visitantes interessados pelo evento; a figura 2 ilustra a ocorrência de reparos e modificações na antiga sede do Banco do Brasil, cedida para ser o “centro nervoso” da Universíade de 1963.



Figura 1 – Parque Farroupilha, ao lado da Avenida Osvaldo Aranha. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 8, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM



Figura 2 – Antiga sede do Banco do Brasil em Porto Alegre. Este era o centro nervoso da Universíade de 1963. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 9, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

O cenário urbano precisava ser modificado para caracterizar o aspecto agradável e festivo do evento esportivo. Um fato que favoreceu a necessidade de manter limpa a cidade foi a recepção à gaúcha leda Vargas, que tinha vencido o concurso de *Miss Universo* (figura 3). O prefeito Loureiro da Silva determinou uma série de providências, pois a cidade receberia jornalistas e correspondentes internacionais para fazer a cobertura da chegada da *Miss Universo* a sua terra natal e, posteriormente, a cidade realizaria a Universíade de 1963 (CORREIO DO POVO, 11/08/1963). Estes grandes acontecimentos eram vistos enquanto propaganda da cidade. Afinal, Porto Alegre receberia cerca de 2.000 pessoas procedentes de vários países.



Figura 3 – Visita da Miss Brasil, Ieda Maria Vargas, ao Comitê Organizador da Universíade 63 - Jorge Ayub e Darcy Votto. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9530>, 2008

Acreditava-se que a Universíade de 1963 tinha um potencial turístico para ser explorado. Os atletas eram turistas em potencial, portanto, se fazia necessária a mobilização popular para recebê-los. A preparação do público e das instituições para receber as delegações era um aspecto fundamental para o sucesso do evento.

A segurança do evento ficou a cargo do governo do Estado, que contou com a colaboração de um grupo de mulheres que integravam a Polícia Feminina do Estado de São Paulo, conforme ilustra a figura 4. Nesta época, as mulheres gaúchas ainda não tinham espaço na Brigada Militar e nem mesmo na Polícia Civil.



Figura 4 – Policiais Femininas de São Paulo, responsáveis pela segurança da Universíade de 1963 em visita à polícia Técnica de Porto Alegre. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9545>, 2008.

A grande preocupação do Comitê Executivo foi viabilizar o evento: fazer acontecer a Universíade de 1963. Não se tinha experiência com uma competição de tal dimensão e as dificuldades financeiras eram grandes. Por isso, um membro do Comitê foi a São Paulo assistir os Jogos Pan-Americanos e conversar com os organizadores da competição em busca de subsídios para organizar a Universíade de 1963.

Apesar das dificuldades financeiras que o país enfrentava a emergente cidade de Porto Alegre, ainda com aspectos interioranos, buscou recursos para tornar possível a realização da Universíade de 1963. Algumas modificações estruturais e construções em virtude da demanda do evento, que serão abordadas mais a frente, fizeram parte das mudanças pelas quais passou Porto Alegre. Além da exigência da construção de um ginásio de esportes, também era necessário melhorar as instalações e equipamentos esportivos dos diversos clubes, conforme parecer da FISU.

A Universíade, enquanto Jogos Universitários Mundiais era, tradicionalmente, patrocinada pelo país organizador. Se em 1959, tal organização ficou sob a responsabilidade de Turim (Itália), e, em 1961 de Sofia (Bulgária), em 1963, tamanha responsabilidade batia as portas da então pequena e provinciana cidade de Porto Alegre (Brasil).

Calculava-se que a realização da Universíade de 1963 deveria custar cerca de C\$ 500.000.000,00, incluindo as obras que se tornaram necessárias, executadas pela municipalidade e Estado. Deveriam ser cobertas por verbas federais, estaduais e municipais, e ainda pela participação indireta (em muitos casos bastante direta) da indústria e comércio. O fato de o Estado atravessar séria crise financeira, não permitia mais ampla colaboração. No entanto, nas palavras dos componentes do Comitê de Organização, a colaboração recebida, tanto de parte do Estado como dos poderes municipal e federal, vinha sendo a melhor possível. Tais informações corroboram com o seguinte depoimento: “As verbas para a construção destas instalações eram oriundas, na sua maioria, do governo do Estado e de empresas de Porto Alegre” (Guarita apud Koch, 2003).

Os recursos financeiros das federações esportivas gaúchas eram escassos para viabilizar a construção de instalações e reformas nos clubes. A ajuda financeira chegou através do Conselho Nacional de Desporto (CND), que concedeu recursos no valor de C\$ 200.000,00 para as seguintes federações: aquática, esgrima, vôlei, atletismo e bocha. A Federação de Punhobol recebeu auxílio de C\$ 300.000,00, mas não se conhece a justificativa para o valor diferenciado.

Conforme informação do presidente Henrique Halpenr, da Fundação Universitária Gaúcha de Esportes, que esteve na sede do CND no Rio de Janeiro, as demais federações gaúchas que não foram contempladas poderiam candidatar-se para a obtenção de uma verba aprovada no orçamento da União no valor de C\$ 2.800.000,00 para auxílios a entidades esportivas de caráter estadual (FOLHA ESPORTIVA, 1962). Enquanto a verba não chegava, as federações e clubes foram encontrando alternativas para as construções. Uma delas foi pedir ajuda financeira ao Governo do Estado.

Para além de construções materiais no campo da Engenharia Civil, a Universíade de 1963 foi responsável, também, pela constituição de novas representações sociais que, invadindo os limites de um imaginário social, passaram a circular pelas diversas dimensões de Porto Alegre. Evidenciando assim, o que

podemos chamar de dimensão simbólica do evento, tais representações, imersas e inundadas em subjetividades, fizeram emergir uma memória histórica da Universidade de 1963 e da cidade sede que se pretendeu oficial, ao legitimar-se como vitoriosa, através dos tempos.

Veiculadas constantemente nos meios de divulgação da época, as representações sociais que se buscava oficializar relacionavam, de um lado, os valores positivos das práticas esportivas apresentadas como benéficas à saúde e associadas ao estilo de vida moderno e civilizado e, de outro, a Universidade de 1963 como fenômeno impulsionador de tais ganhos e, a cidade de Porto Alegre, como sede propícia para recepcionar, acolher e dar um sentido particular a tal fenômeno. Nesta dimensão, a Universidade de 1963 favoreceu a construção de representações do esporte na perspectiva encampada pelo movimento olímpico. Esta construção simbólica produziu valores sobre o esporte no imaginário coletivo, como uma prática em que todos se irmanam e convivem pacificamente.

Se o Departamento de Engenharia foi aquele mais solicitado quando da construção e remodelação dos espaços esportivos que acolheriam as provas da Universidade de 1963, no que tange ao campo das representações sociais, o Departamento de Imprensa assume a dianteira da escala. De acordo com as fontes consultadas, tal Departamento ocupa-se de uma responsabilidade impar no cenário esportivo que se delineava, estando presente desde a idealização do projeto inicial do referido evento: “Precisava divulgar todos os aspectos, tomando providencias, ao mesmo tempo, para a formação de uma equipe de profissionais que efetuasse uma perfeita cobertura dos jogos” (Revista do Globo, 1963).

Sob a coordenação do jornalista e professor de Educação Física, Rivadavia Severo, o Departamento de Imprensa foi organizado cuidadosamente. Recrutando uma equipe de cem pessoas, entre estudantes universitários e profissionais, Severo (Idem) defendia que os objetivos que encerravam a constituição deste Departamento abrangiam não somente a excelência na prestação de serviços jornalísticos, mas também, a oportunidade de proporcionar “uma experiência fabulosa”, aos que ali trabalhassem.

Dentre as funções deste setor, estava a responsabilidade de identificação e catalogação dos mais de mil jornalistas locais, nacionais e internacionais que realizariam a cobertura da competição. No mesmo passo, as funções do referido Departamento concentraram-se também, na preparação diária de um boletim

esportivo que, às oito horas da manhã, deveria estar de posse de todos os participantes. Tal boletim consistia no resumo das competições realizadas no dia anterior, bem como, no programa esportivo previsto para aquele dia. No mais, o boletim constava também de uma programação social que estava à disposição dos participantes e, no mesmo sentido, havia uma apresentação da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul. Para um maior alcance por entre as delegações mundiais, o boletim diário era redigido nos idiomas Português, Inglês e Francês.

Para levar a cabo toda essa estrutura e, no mesmo passo, centralizar e controlar a divulgação de informações, o “Mata-Borrão” foi instituído como prédio sede do Departamento de Imprensa, onde funcionou a redação. Em virtude de sua imensa importância e influência, estimava-se que, durante o evento, o prédio fosse visitado por mais de dez mil pessoas.

Nesse caminho, se todas ou, pelo menos, a maioria das informações jornalísticas, que envolviam o evento, veiculadas nos meios de comunicação impressos e radiofônicos, atravessavam, obrigatoriamente, as diversas dimensões do “Mata-Borrão”, é possível relacionarmos as representações sociais que se fizeram oficiais sobre o evento, a interesses particulares presentes no ideário esportivo que, a partir daquele, almejava-se construir. Assim, monopolizando a circulação de idéias e conceitos, restringia-se, ao máximo, a possibilidade de emergir outras representações sociais, que não fossem aquelas previamente desejadas. A figura – ilustra o prédio ocupado pelo “Mata-Borrão”, especialmente cedido pelo Serviço Estadual de Turismo do Rio Grande do Sul, para tal fim.



Figura 5 – O “Mata-Borrão” foi a sede do Serviço de Imprensa da Universidade. Até o fim dos jogos, teve uma afluência de mais de dez mil pessoas. O espaço foi cedido pelo Serviço Estadual de Turismo do Rio Grande do Sul. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 9, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

É importante ressaltarmos ainda que, ligada diretamente ao “Mata-Borrão” e realizando a transmissão radiofônica de todos os locais dos jogos, a equipe da Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul complementava a cobertura do evento. Como esta fora o primeiro trabalho oficial realizado por tal veículo de comunicação, os registros ressaltam não somente seus esforços, mas também, seus êxitos de estreantes nesse campo de atuação.

Sua importância diante do evento era motivo de orgulho para a população gaúcha: a Rádio da Universidade do Rio Grande do Sul foi a única emissora brasileira a dar total e constante cobertura a todos os acontecimentos da competição. No entanto, as fontes também trazem a importância da participação da Rádio Guaíba, ao ceder gratuitamente as ondas curtas, para a transmissão dos boletins diários em língua estrangeira. Na seqüência, imagens da equipe técnica da Rádio Universitária, responsável pela cobertura radiofônica da Universidade de 1963.



Figura 6 – Um grupo de tradutores e locutores trabalhou intensamente na transmissão dos boletins em língua estrangeira, os quais, diariamente, eram dados pela emissora universitária, através das ondas curtas gentilmente cedidas pela Rádio Guaíba. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 47, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.



Figura 7 – Ligada diretamente ao “Mata-Borrão” e transmitindo de todos os locais dos jogos, a equipe da Rádio da Universidade deu ampla cobertura à Universidade de 1963. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 47, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

A interpretação veiculada nos jornais e revistas na ocasião da Universidade de 1963, particularmente aquela estampada na Revista do Globo, marca profundamente as representações de Porto Alegre. O trecho privilegiado acima anuncia o teor de tais representações circulantes, ao caracterizar a nobreza da cidade naquilo que esta guardava de mais singular em relação às grandes metrópoles: sua atmosfera de acolhimento. Afinal, é importante lembrarmos de que as duas primeiras edições do evento ocorreram em cidades exponenciais, caracterizadas como de vanguarda e que, à época, em muitos sentidos se destacavam da então pequena Porto Alegre.

“Depois de mais de um ano de preparativos, tudo está pronto para a realização da Universidade-63 em Porto Alegre (sic). Agora, vamos observar, também, a impressão que causaremos aos que aqui vierem [...] Para muitos deles (sic), que procedem de modernas metrópoles, Porto Alegre (sic) há de parecer provinciana e fora de tom. É esse (sic) provincianismo, entretanto, parte integrante do que de mais simpático tem “ (REVISTA DO GLOBO, 1963).

Por se tratar de um evento de tamanha grandeza, onde participantes dos cinco continentes estariam presentes, havia uma forte preocupação com a imagem que seria formada sobre Porto Alegre, em nível mundial. Tal representação era tão fortemente preocupante aos dirigentes e organizadores brasileiros, que se chegava a propagar a idéia de que mais importante que alcançar as vitórias brasileiras nos jogos, era oferecer uma exemplar acolhida aos atletas estrangeiros. Se os olhos do mundo estavam concentrados sobre tal cidade, nesses dez dias do ano de 1963, fazia-se importante demais que os êxitos superassem os fracassos, e as qualidades e potencialidades da cidade viessem à tona, numa proporção muito maior do que a de seus limites. Nesse passo e graças a atenção desses olhares, a preocupação precípua que norteava os cuidados urbanos girava em torno do fato de que assim, a capital gaúcha deixaria de ser um “obscuro pontinho no mapa-mundi (sic), para se converter num nome pronunciado e repetido por milhares, milhões de pessoas” (REVISTA DO GLOBO, 1963).

Nesse caminho, a análise das fontes impressas nos remeteu a uma representação da cidade que se mostrava indissociável a uma caracterização do próprio povo gaúcho. Se por um lado, quando comparada às metrópoles mundiais, Porto Alegre apresentava-se pequena e limitada em muitos aspectos estruturais, por outro, em nada deixava de superá-las na hospitalidade e organização do evento, esta última, principal responsabilidade que a cabia, enquanto cidade sede. Sendo assim, a perseverança, a garra e o esforço dos organizadores eram elementos que, constantemente, abrilhantavam as reportagens referentes ao evento, fazendo recair um peso ainda maior e mais merecido sobre a pequena cidade que, em meio a tantas dificuldades e obstáculos, corajosamente, lançou-se ao desafio de sediar os Jogos Mundiais Universitários, no ano de 1963.

Também o “espírito de cooperação”, a “abnegação” e até mesmo, de “sacrifícios” foram destaque nas manchetes. No que tange a estes últimos, uma grande expressão ficou por conta do ocorrido com o Coordenador Geral do evento que, em entrevista a Revista do Globo (1963), alegou ter emagrecido seis quilos, por conta do exaustivo horário a que, ele próprio, se obrigava a trabalhar. Outro exemplo de dedicação incansável aos êxitos do evento foi o trabalho realizado pelo Professor Rômulo Afonso Fanti, na seleção dos intérpretes. De acordo com a referida Revista (1963), Fanti entrevistou mais de setecentas pessoas das quais foram escolhidas duzentas, realizando provas de seleção e cursos rápidos, estes compreendidos nos

turnos da manhã, tarde e noite. A figura 46 registra o esforço do referido Professor, em um momento de seleção e treinamento dos intérpretes que acompanharam as 33 delegações.



Figura 8 – Pela foto pode-se ter uma idéia do que foram os trabalhos de seleção e treinamento dos intérpretes. Para escolher as 200 pessoas que acompanharam permanentemente as 33 delegações. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 6, 1963. In: MAZO, J. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

Para tornar-se sede da Universíade de 1963, a cidade de Porto Alegre, como um todo, passou por uma série de complexas transformações em seus arranjos estruturais. Importa, nesse momento, lançarmos luzes sobre aquelas que se configuraram nas mudanças mais significativas, e que, concretamente, tornaram possível a realização de um evento de tamanha grandeza: a remodelação ocorrida nos espaços esportivos da cidade. Nesse caminho, a chamada infra-estrutura parece ter sido a dimensão mais visível da Universíade de 1963 em Porto Alegre, angariando assim, à referida cidade, imensos ganhos na área esportiva.

Pela análise das fontes disponíveis e recrutadas para este estudo, foi possível verificar-se, algumas transformações dos espaços da cidade destinados às atividades físicas e esportivas, ocorridas através da geração de equipamentos e ambientes destinados às práticas corporais e esportivas, melhorias nas instalações dos clubes para as competições e adequação de alojamentos para abrigar e

alimentar as delegações. Assim, para além dos Departamentos de Secretaria Geral, de Intérpretes, de Publicidade, de Transportes, de Assistência e de Imprensa, cada qual incumbido de responsabilidades particulares, o Departamento de Engenharia foi durante todo o tempo da Universiade, um dos departamentos mais solicitados. Durante o tempo destinado a preparação do evento, tal Departamento apresentou à comissão organizadora, dezenas de projetos que visavam adaptações, reformas e novas construções esportivas que emergiam das diversas demandas.

Para tal feito, o diretor do referido Departamento, o engenheiro Augusto Araujo Guaritta, do Gabinete de Administração e Planejamento do Palácio Piratini, contou ainda com os serviços de mais 10 técnicos, engenheiros e arquitetos da Secretaria das Obras Públicas, os quais, segundo o próprio diretor, vivenciaram momentos em que, por conta do trabalho intenso, “viveram, comeram e dormiram Universiade” (Revista do Globo, 1963).

Um exemplo de espaços esportivos construídos em virtude do evento foi um ginásio com capacidade para 10 mil pessoas. Tal local, de grande amplitude e perfeição técnica foi batizado pelo nome de *Ginásio Universiade*. Neste ginásio foram realizados os jogos de basquetebol e voleibol. Inclusive, um dos objetivos principais que encerravam as justificativas de tal construção era exercer influência na prática e nos significados assumidos pelo basquetebol gaúcho. Esse espaço permaneceu e permanece até hoje servindo à cidade, sendo conhecido, no entanto, como *Ginásio da Brigada Militar*.

O referido Ginásio foi construído em tempo recorde: 94 dias. A zona onde foi erguido esse monumental empreendimento precisou sofrer um processo de urbanização considerável, para que fosse possível sua realização. Diferentemente dos demais ginásios já existentes em Porto Alegre, nos quais as obras realizadas concentraram-se não em uma construção integral como neste, mas sim, em alterações e adequações estruturais necessárias, o *Ginásio Universiade*, especialmente pensado, projetado e edificado para tal fim, acabou por constituir-se como o maior ginásio do sul do país à época.

Nas imagens que seguem, é possível destacarmos dois momentos importantes da trajetória do Ginásio: sua construção, meses antes do início do evento e a partida final entre Brasil e Cuba, na qual a seleção brasileira sagrou-se campeã, embalada pelos gritos e vibrações da torcida que, segundo reportagem,

lotou o Ginásio. Na segunda imagem, em especial, o enfoque privilegiado nos permite visualizar a amplitude do *Ginásio Universidade*, suas instalações e estruturas.

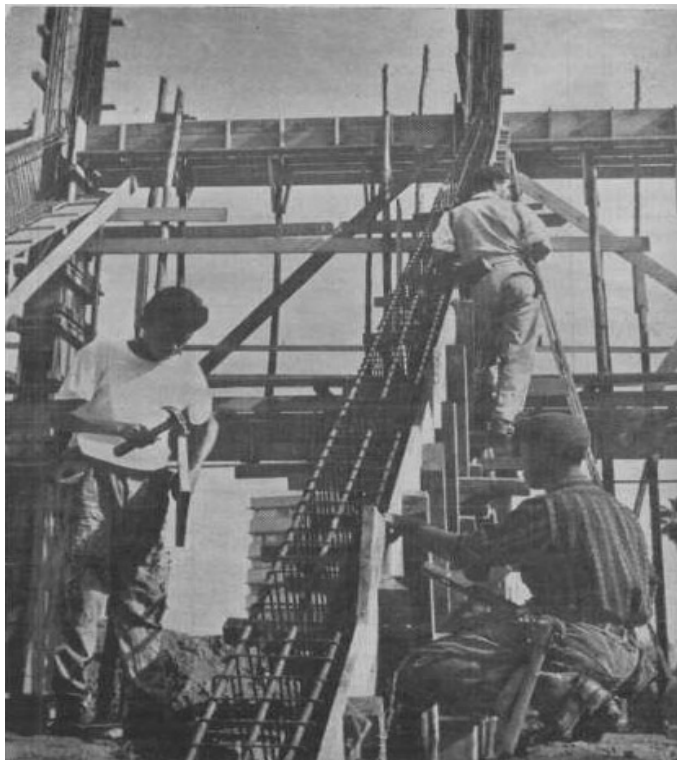


Figura 9 – Para a realização da Universíade de 1963, em Porto Alegre, foram necessárias algumas adaptações nos ginásios e pistas. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 5, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

Para instalar os mais de mil atletas que vieram a Porto Alegre, fez-se necessário que a secretaria geral do evento entrasse em acordo com a Caixa Econômica Estadual, que aceitou ceder um recém construído conjunto habitacional no Bairro Partenon para servir como Vila Olímpica. Tal conjunto habitacional, até os dias atuais, mantém sua estrutura original, com pequenas adaptações como a construção de cerca com grades de ferro e uma guarita visando melhorar a segurança do local. Hoje, a região que cresceu em torno da Vila Olímpica, é conhecida como Intercap, uma zona residencial rodeada de praças esportivas, tendo uma delas recebido o nome de Praça Universíade.

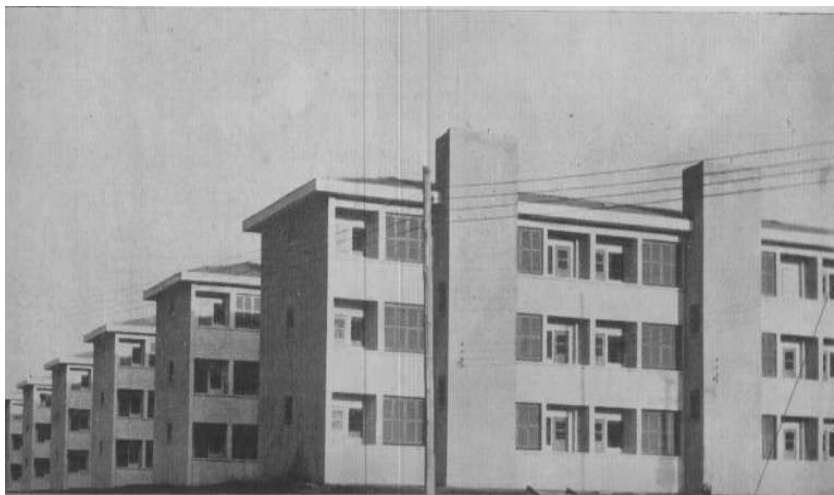


Figura 10 – Alojamento da quase totalidade dos atletas da Universiade de 1963. A Vila Olímpica recebeu uma série de adaptações, para oferecer o conforto necessário. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 8, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

O alojamento dos atletas foi um problema solucionado de uma forma um tanto inusitada. Cerca de dois meses que antecederam a Universiade de 1963 haviam sido concluídas as obras do referido conjunto habitacional financiado pela Caixa Econômica Estadual (CEE). O Comitê Executivo da Universiade de 1963 solicitou que a CEE retardasse a entrega dos apartamentos aos futuros proprietários a fim de que fossem utilizados enquanto dormitórios para os atletas. Assim, o local temporariamente, transformou-se na Vila Olímpica da Universiade de 1963. Em seguida foi providenciada a mobília para os apartamentos: as camas foram doadas por empresas da cidade, enquanto que os colchões foram emprestados pela organização dos Jogos Pan-Americanos, que tinham sido realizados no período de 20 de Abril até 5 de maio, em São Paulo. O Comitê Executivo da Universiade de 1963 providenciou o transporte dos colchões de São Paulo para Porto Alegre “em curto espaço de tempo, pois faltavam poucos dias para o início do evento” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29/08/1963).



Figura 11 – O movimento da Vila Olímpica, ao meio-dia, dirigia-se para o refeitório. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 44, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

Em relação à alimentação das delegações visitantes, as refeições foram servidas no 18º Regimento de Infantaria do Exército, que ficava a uma distância de apenas 900 metros da Vila Olímpica. Vale destacar que a delegação brasileira não ficou hospedada na Vila Olímpica, assim como as demais delegações, e sim, no Hotel Pampa. No mesmo passo, os atletas brasileiros realizaram suas refeições no prédio da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no qual havia um enorme restaurante onde hoje é a Biblioteca Central.

No que tange ao refeitório central, ponto de encontro privilegiado dos atletas das mais diversas delegações, algumas considerações são destacadas pelas fontes aqui pesquisadas. De acordo com a descrição do fluxo de movimentação realizado pelos atletas em tal espaço, parece que a disposição proposta pelo refeitório favorecia a comunicação entre atletas de nações diversas que, logo após se servirem a mesa do buffet, este cuidadosamente preparado ao gosto brasileiro, mas também, ao das outras culinárias mundiais presentes, procuravam assentar-se no primeiro lugar vago que se deparassem. Em razão da grande quantidade de pessoas a circularem neste espaço, entre atletas, dirigentes, intérpretes, cozinheiros e garçons, o refeitório transformou-se em palco para a encenação dos mais variados fatos e atos pitorescos do evento, alguns destes, narrados em destaque nas páginas jornalísticas que se ocupavam com a cobertura informativa.

A dificuldade de comunicação, em razão da concentração de inúmeras línguas tão distantes quanto distintas, foi o que gerou as mais recorrentes manchetes, no que se refere a tais situações constrangedoras e, portanto, “pitorescas” do evento. Os principais impasses se deram em virtude da discrepância

entre a quantidade de atletas e de idiomas diversos quando comparada a quantidade de intérpretes recrutados para realizar a mediação lingüística. Como se isso não bastasse, o problema se acentuava quando tais intérpretes eram flagrados, não raras vezes, preocupando-se mais em aproveitar a ocasião para se alimentar junto aos atletas, que propriamente, dedicando-se ao seu trabalho de tradução.

Assim, o problema da comunicação, no espaço do refeitório, não fora resolvido pelos contratados para tal fim, mas, pelo Sr. Eugenio Bartus, um cozinheiro chefe que conseguia se comunicar em sete línguas distintas. Longe de atuar na profissão de intérprete, mas sim, respondendo como subchefe da cozinha da Universidade de 1963, o referido senhor foi o principal agente do refeitório, comunicando-se com os atletas nas línguas portuguesa, húngara, alemã, russa, tcheca, polonesa e francesa. As figuras abaixo nos remetem a lembranças deste espaço particular e de situações que, como parte integrante do grande espetáculo, atravessou a Universidade de 1963.

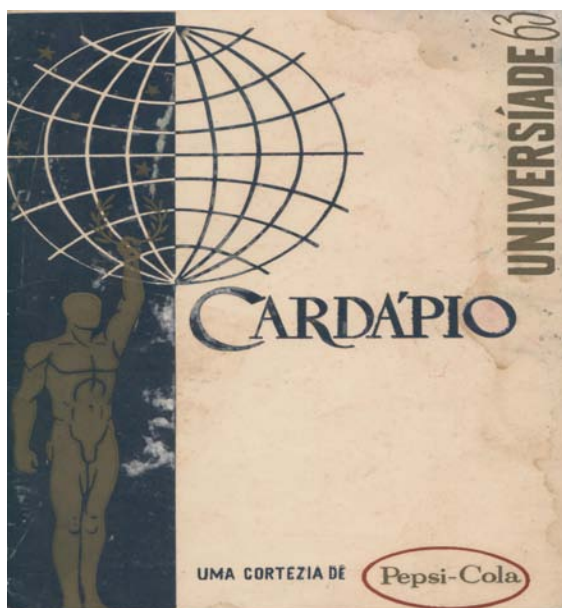


Figura 12 – Capa do Cardápio Oficial da Universidade de 1963. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9558>, 2008.



Figura 13 – Um cozinheiro que falava sete idiomas: o melhor intérprete do refeitório. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 44, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.



Figura 14 – Ao meio dia, no refeitório, as mesas iam-se humanizando em gestos, barulho de talheres e palavras confusas. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 44, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

Reportagem do jornal Última Hora (01/08/1963) noticiou que com o grande evento, a cidade fria de Porto Alegre, perderia seus complexos por ocasião da Universíade de 1963. “Esta grande promoção na órbita do esporte universitário e considerada a segunda em importância mundial, vai transformar nossa cidade na Capital mundial do esporte” (p. 9).



Figura 15 – Edição especial sobre a Universíade de 1963 na Revista do Globo. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, 1963. MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

**5 PORTO ALEGRE TORNA-SE A CAPITAL
MUNDIAL DO ESPORTE**

5 PORTO ALEGRE TORNA-SE A CAPITAL MUNDIAL DO ESPORTE

Koch (2003) aponta que a cidade ainda não estava definitivamente pronta para receber as competições esportivas. Os meios de comunicação da época estavam totalmente engajados com a transmissão da competição. Os jornais anunciavam o espetáculo inédito.

“As representações de trinta e dois países que aqui vem em busca de glórias esportivas estarão com seus vistosos uniformes, se apresentando pela primeira vez ao público gaúcho. A luz dos refletores do estádio olímpico que será cenário da grandiosa festa do esporte universitário mundial, se acenderá para iluminar o desfile de abertura da Universíade de 1963, que faz convergir para a capital do Rio Grande do Sul, desde alguns dias, as atenções do mundo inteiro. O magnífico espetáculo que pela primeira vez irá assistir a gente dos pampas será o marco inicial da brilhante competição que transformará, durante uma semana, a vida de Porto Alegre. Povos de todos os quadrantes que através do esporte, esquecem suas divergências políticas, deixam de lado suas ideologias e partem em busca de conquistas que possam elevá-los no plano mundial, estarão representados no magno desfile.” (FOLHA ESPORTIVA, 30/08/1963).

Em 1963, desde as primeiras horas da tarde do dia 31 de agosto, a abertura dos Jogos Mundiais Universitários levou milhares de porto-alegrenses a enfrentar filas em frente ao Estádio Olímpico do *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense*. Cerca de trinta e dois países foram representados durante o desfile das delegações demonstrando que através do esporte as divergências políticas e ideológicas são superadas pela magnitude deste espetáculo. Durante uma semana, os Jogos Mundiais Universitários de 1963, convergiram os “olhos do mundo” para a capital do Rio Grande do Sul (FOLHA ESPORTIVA, 30/08/1963).

Embora os assuntos de interesse imediato sejam diversos e muitos, a UNIVERSÍADE preside todos. E assunto que agita a capital do Rio Grande do Sul. Nem limite de idade, nem concepções ideológicas, ninguém neste instante em Porto Alegre esta alheio ao que se refere ao encontro dos estudantes, os que verdadeiramente realizam o sonho de tantos estadistas internacionais: Entendimento e paz. Comove o entusiasmo de nossa mocidade e a compreensão de nossos homens e da sociedade. (CORREIO DO POVO, 02/09/1963, p. 4)

Assim como nos Jogos Olímpicos, a Cerimônia de Abertura dos Jogos Mundiais Universitários de 1963 geraram uma grande repercussão. A expectativa

sobre como seria a abertura da U-63 criou grande expectativa, em especial, pela curiosidade em saber se Porto Alegre teria condições de organizar, com êxito, um evento desta natureza. As figuras 5, 6, 7 e 8 retratam os painéis de azulejo confeccionados especialmente para a divulgação da grande competição. Tais painéis encontravam-se espalhados pelos espaços esportivos da cidade que, como os ginásios, abrigaram os jogos durante a realização do evento.



Figura 16 – Painel de azulejo comemorativo à Universíade de 1963. Piscina do Grêmio Náutico União. Atleta masculino no Salto Ornamental. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9541>, 2008



Figura 17 – Painele de azulejo comemorativo à Universíade de 1963 nas dependências do Grêmio Náutico União. Atleta.feminina de natação e bandeira dos países ao redor. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9542>, 2008



Figura 18 – Painele de azulejos comemorativo à Universíade de 1963 nas dependências do Grêmio Náutico União. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9538>, 2008



Figura 19 – Painel de azulejo comemorativo à Universíade de 1963 referente à Ginástica Olímpica no Grêmio Náutico União. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9539>, 2008

No mesmo passo, as figuras que seguem retratam outros materiais utilizados para a divulgação do evento. A figura 9 nos traz a imagem de um pequeno *folder*, ao passo que a figura 10 nos remete a imagem da bandeira oficial da Universíade de 1963. Esta, mais do que material de divulgação e propaganda, simbolizava evento enquanto uma realidade, materializada e vivenciada na capital gaúcha.



Figura 20 – Material de divulgação da **Universiade de 1963**. Fonte: <http://www.portoimagem.com/curiosidades.html>



Figura 21 – Bandeira Oficial da Universiade, com símbolo ao centro: U e estrelas. Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9543>, 2008

Por fim, e interessante ressaltarmos aqui a participação da Revista do Globo, principal fonte de pesquisa utilizada neste estudo, na preparação e divulgação de uma atmosfera social receptiva à Universiade de 1963. Importa salientar que dois números praticamente inteiros da referida Revista (Figura 19) foram dedicados aos acontecimentos, das mais diversas naturezas, que envolveram a realização da competição.

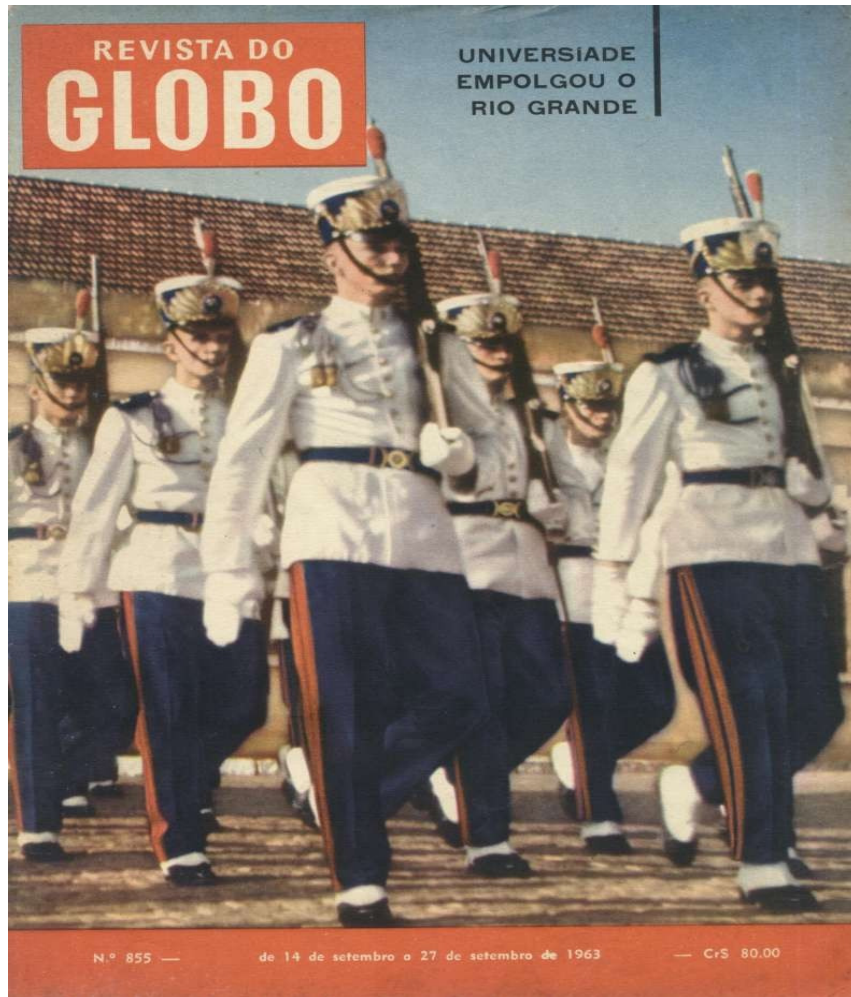


Figura 22 – Edição especial sobre a Universíade de 1963, capa da Revista do Globo de setembro de 1963. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 855, 1963. MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

5.1 A Cerimônia de Abertura da Universiade de 1963

No início do mês de agosto de 1963, o jornal Folha da Tarde anunciava que a Divisão de Planejamento da Direção Técnica da Universiade, juntamente com Félix Vianna – Assessor do Comitê Executivo –, já havia dado início às reuniões para o planejamento da solenidade de abertura e encerramento. O tempo de preparação da cerimônia de abertura foi curto, em torno de 30 dias. Sua programação foi divulgada no dia 23 de Agosto, uma semana antes do grande acontecimento. O programa para a noite de Abertura era o seguinte:

19h	Banda do colégio das Dores;
19h15min	Bandas do Colégio Rosário; Escoteiros hastearão as bandeiras internacionais. Neste instante darão entrada ao estádio, afim de tomarem os locais reservados: corais, bandas militares.
19h30min	Chegado de S. Exa. O Ministro da Educação;
19h30min	Desfile da delegações: Por ordem alfabética (língua portuguesa);
20h15min	Abertura oficial pelo S. Exa. O Ministro da Educação
20h17min	Hino Nacional: hasteamento da bandeira: Brasil – Rio Grande do Sul e FISU. Brasil : ministro da educação; RGS: Governador do Estado; FISU: Presidente.
20h25min	Hino Universitário Mundial: “Gaudeamus Igitur”; Cantando: Corais do instituto de Educação – UFRGS – PUCRS. Banda: Brigada Militar. Hasytemaneto do painel das bandeiras pelos chefes de delegações.
20h30min	Atleta Ademar Pereira da Silva acendera a Pira;
20h40min	Juramento da atleta: Succar;
20h45min	Retirada das delegações;
21h	Espetáculo em homenagem às delegações visitantes: Apresentação folclórica a cargo do tradicionalista Paixão Cortes; Apresentação De Escola de samba com passistas; Banda de fuzileiros navais; espetáculo pirotécnico (FOLHA ESPORTIVA, 30/08/1963).

No dia 31 de agosto de 1963, às 19 horas no Estádio Olímpico do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, iniciava a Cerimônia de Abertura da Universiade de 1963. O fato da Cerimônia de Abertura ser realizada à noite preocupava a imprensa e os organizadores. Acreditava-se que este poderia ser um fator negativo tendo em vista que no mês de agosto, durante a noite, as temperaturas ficavam abaixo dos 20 graus.

A realização da abertura dos jogos na parte da noite, com início às 19 horas poderá, em nosso entender, prejudicar o início do certame e constituir-se em fator

negativo a conspirar contra o sucesso total da competição. Efetivamente, levando-se em conta que a abertura da olimpíada de Roma e dos Jogos Pan-Americanos recentemente realizados em São Paulo, para não citar outros eventos, foram realizadas à tarde, não se explica que Porto Alegre resolva inovar, principalmente tendo-se precedente que a temperatura nesta época à é instável e alcança uma média inferior a 20 graus. [...] é notório que realizando-se a abertura à noite muito menor será o número de senhoras e senhoritas e crianças que poderão assistir o desfile (FOLHA ESPORTIVA, 24/08/1963)

Todavia, mesmo o jornal sendo um forte estímulo para formação de opinião e decisões, estes não foram argumentos suficientes. Havia uma grande expectativa do público porto-alegrense com relação ao cerimonial de inauguração. Aproximadamente 45 mil espectadores compareceram ao Estádio Olímpico para com seu entusiasmo e aplausos fortificar o orgulho em sediar um megaevento esportivo (JORNAL DO DIA, 04/09/1963).



Figura 23 – Cerimônia de abertura da Universíade de 1963 - Desfile das delegações dos países no Estádio Olímpico do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9552>, 2008

A cerimônia de abertura da Universíade de 1963 possuiu elementos protocolares e *performances* culturais. Mazo (2007) acredita que a Cerimônia de Abertura da U-63 construiu representações do esporte na perspectiva do Olimpismo, justamente por apresentar afinidades com a estrutura do Protocolo Olímpico: Desfile

das Delegações participantes, Discurso das autoridades, Hasteamento das Bandeiras, Chegada da Tocha ao Estádio, Acendimento da Pira Olímpica, Programa Artístico com apresentações de folclore gaúcho, escolas de samba, bandas militares e escolares, salva de tiros e espetáculo pirotécnico no final da festa.

Para Hogan (2003), estes elementos, na prática, refletem valores e experiências de cada país sede, sendo que o resultado desta realização serviria como uma afirmação para construção de identidades. Além disso, Barros (2007) refere que, do ponto de vista acadêmico, qualquer objeto de estudo que se abra para o preenchimento de uma lacuna relativa ao assunto ou âmbito temático, possui relevância.

Assim, muitos foram os momentos que tiveram destaque na Cerimônia de Abertura dos Jogos Universitários de 1963. Na cerimônia de abertura realizada à noite no Estádio Olímpico do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, pouco antes do início dos discursos oficiais, faltou luz no estádio. Após o retorno da energia elétrica, deu-se prosseguimento às festividades com o discurso do Ministro da Educação, representando o presidente da República, João Goulart. Durante o discurso, o ministro referiu alguns problemas que o governo João Goulart estava enfrentando naquele momento e foi vaiado pelo público de aproximadamente quarenta e cinco mil porto-alegrenses, que desde as primeiras horas da tarde começou a ocupar o estádio do Grêmio Porto Alegrense. Diante do fato, o ministro encerrou rapidamente o discurso e concedeu a palavra ao governador do estado Ildo Meneghetti que se limitou a pronunciar as palavras oficiais de abertura.

O episódio foi amplamente explorado pelos jornais que faziam oposição ao governo de Jango. O jornal *Correio do Povo*, no dia 3 de setembro, publicou duas matérias na mesma página sobre o que seria conhecido como “Vaia Olímpica”. O presidente do Comitê Executivo, José Aranha, assegurou ter avisado o ministro que o regulamento internacional dos Jogos Mundiais Universitários exige o conhecimento prévio dos discursos de abertura para evitar inconveniências, como a que se verificara em Porto Alegre. O incidente com o ministro gerou críticas de alguns jornais à ausência do Presidente da República, que destacaram a decepção dos porto-alegrenses e a falta de consideração do presidente. Oficialmente, a razão anunciada foi ‘compromissos administrativos’ do presidente.

Muitas foram as notícias veiculadas manifestando as dúvidas e as expectativas com relação à presença do Presidente da República na Cerimônia de

Abertura da Universidade de 1963. Até o último momento, não se sabia se o Presidente João Goulart estaria presente. Porém, dias antes da Abertura oficial o Comitê Executivo recebeu a notícia de que o presidente seria substituído pelo Ministro da Educação, Paulo Tarso (Koch, 2003). “O Presidente João Goulart designou, ontem, o Ministro Paulo Tarso, da Educação, para representá-lo na inauguração da Universidade-63, dia 31 do corrente, em Porto Alegre” (ULTIMA HORA, 28/08/63).

Segundo anunciaram as trombetas do Palácio da Alvorada, Sr. João Goulart presidente da República, não vira inaugurar oficialmente a Universidade 63 como prometera. Isso para nos brasileiros, que conhecemos a maneira de agir do nosso presidente, muitas vezes presente onde sua ausência se justificaria, e quase sempre ausente de onde a figura do Chefe da Nação devia emergir infalivelmente – não é novidade. A ausência do Presidente da República é uma decepção. A razão da ausência oficialmente anunciada – “compromissos administrativos” – é, além do mais, vazia e pueril (FOLHA DA TARDE, 28/08/1963).

Até o momento do discurso oficial, normalmente realizado pelo chefe da nação, o público assistia o desenrolar do programa inaugural. Porém um fato chamou a atenção: durante o momento do discurso o Ministro referiu alguns problemas que o governo de João Goulart estava enfrentando naquele momento e foi vaiado (MAZO, 2007). Diante do fato, encerrou rapidamente o discurso e concedeu a palavra ao governador Ildo Meneghetti, que se limitou a pronunciar as palavras oficiais de abertura.

Muitas foram as repercussões sobre este fato noticiado através dos jornais que circulavam na época. Enquanto alguns periódicos apenas citavam que “O ministro da educação dirigiu então, algumas palavras de saudação e declarou aberto o certame” (FOLHA ESPORTIVA 02/09/63), outros referenciavam este momento como “A Vaia Olímpica”:

O discurso que o Ministro da Educação meteu em sua bagagem, e que levou de volta sem ler, e uma peça pouco recomendável a cultura do Sr. Tarso, caso seja toda ela coerente com o intróito recitado, a duras penas, no Estádio Olímpico. Custa a crer que um Ministro de Estado, precisamente o da Educação, não tenha tido o discernimento necessário para compreender que aquela não era a situação adequada para esmiuçar a nossa política interna e fazer o panegírico do maravilhoso arremedo de governo que aí temos. E quando a derrapada do Ministro chegou ao

ponto de invocar o comício da Guanabara, diante de delegações de quatro continentes e de quarenta mil porto-alegrenses, só poderia ter acontecido aquilo que aconteceu: uma vaia de proporções olímpicas. E interessante assinalar a espontaneidade com que a vaia brotou da multidão inconformada com as afirmações demagógicas do Ministro da Educação, Sr. Paulo Tarso (FOLHA DA TARDE, 02/09/1963)

Fato lamentável ou não, o discurso do chefe da nação apareceu como um momento de manifestação do público. Mazo (2003) apresenta algumas hipóteses com relação a isto: primeiro, o fato de ser possível que em virtude da falta de luz no estádio, os espectadores estivessem irritados, já que este fato retardou um pouco o início da celebração; outra consideração diz respeito à possibilidade de o público não estar esperando um discurso com caráter político protegendo o governo; ou então talvez os porto-alegrenses estivessem decepcionados pela falta que o presidente fez para aqueles que o esperavam ver no grande acontecimento de Porto Alegre. Mas, ainda, a mesma autora nos refere que o Ministro Paulo de Tarso, havia sido avisado pelo presidente do Comitê Executivo, José Aranha, de que o regulamento Internacional dos Jogos Mundiais Universitários exige o conhecimento prévio dos discursos de abertura para evitar inconveniências como a que se verificara em Porto Alegre.

Após o encerramento dos discursos, as delegações dos 30 países¹² desfilaram, ao som das bandas militares e escolares. O ponto alto da grande noite foi, porém, o desfile das delegações que, por ordem alfabética e em impecável formação, marcharam pela pista, sob calorosos aplausos do público (FOLHA ESPORTIVA, 02/09/1963).

A partir do texto acima, podemos perceber que um dos pontos altos da Cerimônia de Abertura foi o desfile das delegações. Após as bandas dos Colégios das Dores e do Rosário cumprir a primeira parte do programa, foi iniciado o desfile com participação dos diversos setores organizadores da U-63 e das delegações presentes. Bandeiras de trinta e dois países juntamente com suas equipes receberam os aplausos calorosos do povo gaúcho (FOLHA DA TARDE, 02/09/1963). “As representações de trinta e dois países que aqui vem em busca de glórias

¹² Além do Brasil, as delegações dos seguintes países desfilaram: Alemanha, Argentina, Bulgária, Chile, Cuba, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Peru, Polônia, Portugal, União Soviética, Uruguai, África do Sul, Tchecoslováquia.

esportivas estarão com seus vistosos uniformes, se apresentando pela primeira vez ao público gaúcho” (FOLHA ESPORTIVA, 30/08/1963). Koch (2003) coloca que o mestre de cerimônia foi Lauro Hagemann, responsável por narrar o desfile das delegações dando nomes, fatos e datas.

Frente a cada delegação desfilava a baliza, uma moça portando o letreiro para a identificação do país, o pavilhão nacional do respectivo país e, junto a ela, uma intérprete. Após o desfile de sua respectiva delegação, cada uma das balizas se colocava no gramado em duas linhas que se abriam na direção do pavilhão central (FOLHA ESPORTIVA 02/09/1963).

Terminado o desfile de entrada e com os porta-bandeiras em destaque, as delegações participantes da Universíade de 1963 ouviram, em posição de sentido, a execução do Hino Nacional Brasileiro e o hasteamento das bandeiras do Brasil, pelo representante da República, do Rio Grande do Sul, pelo governador Ildo Meneguetti e da FISU, pelo presidente da entidade (JORNAL DO DIA, 01/09/1963).

Estruturalmente, muitas são as semelhanças entre o protocolo dos Jogos Olímpicos e o dos Jogos Mundiais Universitários. A diferença é que ao invés da bandeira da FISU, se hasteava a bandeira Olímpica. Após, houve o hasteamento de bandeiras das diversas nações e o acendimento da pira olímpica, pelo atleta brasileiro Ademar Ferreira da Silva. Os atletas receberam homenagens das escolas, seguidas estas, pela apresentação do folclore gaúcho, escolas de samba, salva de tiros e espetáculo pirotécnico no final da festa. O jornal Folha Esportiva em reportagem intitulada “ÍDEAL ATINGIDO” avaliou que a cerimônia de abertura: “Foi, de fato, uma das mais belas e emotivas já realizadas no estado e uma demonstração eloqüente da força do esporte como elemento de entendimento entre os povos” (FOLHA ESPORTIVA, 02/09/1963).

O evento, por sua magnitude, levou os periódicos a publicarem matérias sobre o mesmo, quase diariamente. Este excesso de informação sobre a Universíade de 1963, com certeza enriqueceu a agenda do público, uma vez que ninguém ficou alheio ao acontecimento. “Horas a fio ficam os porto-alegrenses nas filas dos clubes onde se realizam as competições, muitas vezes até sem almoço ou sem jantar num belo exemplo de entendimento e amor fraterno” (MARTINS, 04/09/1963). A figura 13 nos remete a grandiosidade que envolveu o cerimonial de abertura da Universíade de 1963.



Figura 24 – O estádio Olímpico do Grêmio *Football* Porto-Alegrense foi palco da abertura e encerramento da competição Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 850, p. 13, 1963 In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

As figuras abaixo, por sua vez, retratam outros flagrantes da referida cerimônia.



Figura 25 – Desfile das delegações dos países na Cerimônia de Abertura Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre



Figura 26 – Delegação Russa na Cerimônia de Abertura Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre



Figura 27 – Desfile das delegações dos países na Cerimônia de Abertura
Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa em Porto Alegre

Nas fotografias 26 e 27 outros flagrantes da cerimônia de abertura da Universidade de 1963:



Figura 28 – Banda toca na cerimônia de abertura da Universidade de 1963 Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre

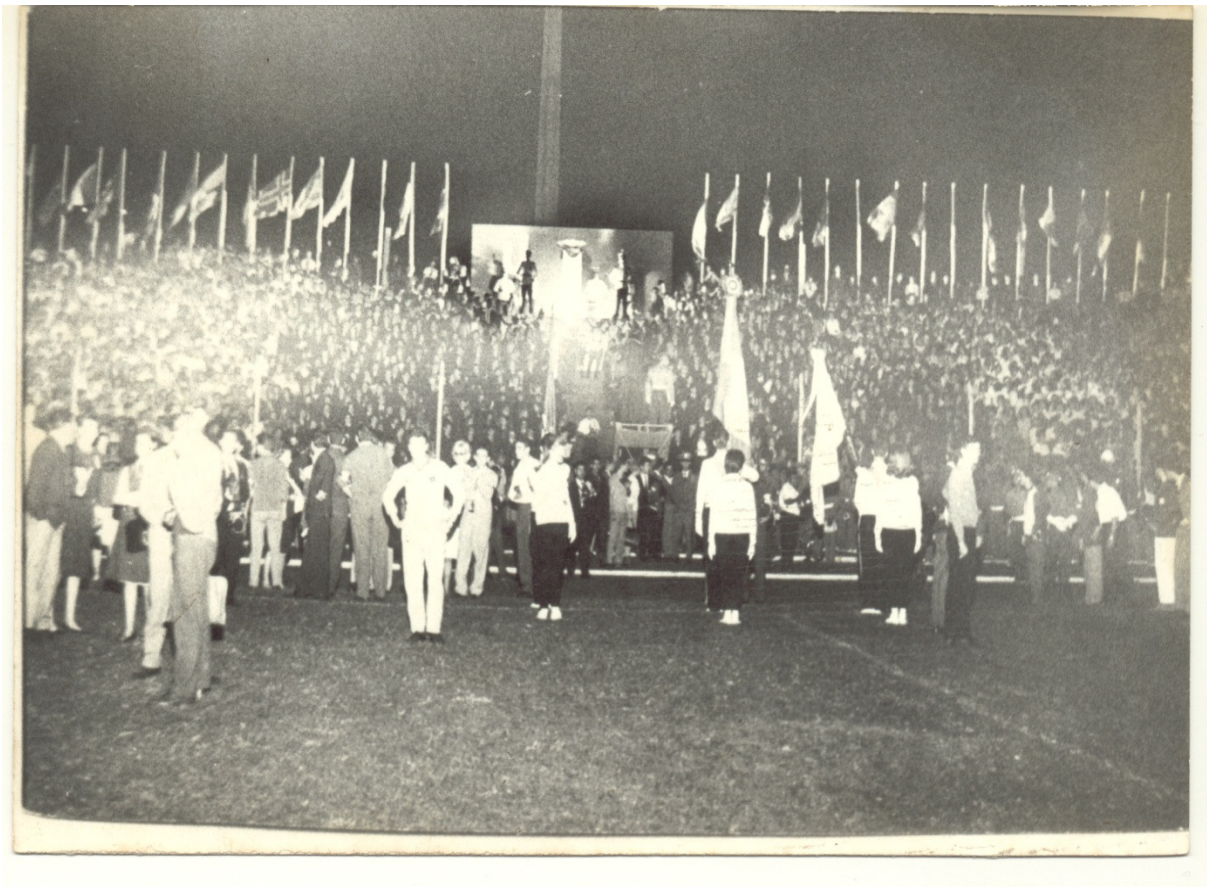


Figura 29 – Discursos na cerimônia de abertura da Universidade de 1963 Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre

A entrada da tocha parece ser um grande acontecimento nas Cerimônias de Abertura. De acordo com Koch, (2003), o ponto alto da inauguração da U-63 foi o momento em que o Atleta Ademar Pereira da Silva acendeu a pira, “que ardeu durante todos os dias durante os Jogos Mundiais Universitários.” Para Rolim (2008), a chegada da Chama Olímpica passou a ter destaque a partir da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de 1936. O mesmo autor destaca o aspecto simbólico que o momento da Chegada da Chama Olímpica e do Acendimento da Pira, possui.

Nos Jogos Mundiais Universitários de 1963, após o pronunciamento do representante do Chefe da Nação, o Ministro Paulo de Tarso, todas as luzes do estádio foram apagadas, menos as que iluminavam a Pira Olímpica. Neste momento entra o atleta Ademar Ferreira da Silva, campeão em dois Jogos Olímpicos, que depois de dar volta na pista com o archote Olímpico, acende a Pira (FOLHA DA TARDE, 01/09/1963). Já para o Juramento Oficial foi convidado Succar, atleta de basquetebol. Após a execução do Hino oficial da Universiade, o atleta Gaudemos-Igitur, fez o juramento dos atletas em três idiomas: brasileiro, francês e inglês (JORNAL DO DIA, 01/09/1963).

As Performances artísticas existentes durante as Cerimônias de Abertura são um dos momentos em que, normalmente é expresso características da cultura local e nacional. Na Cerimônia de Abertura dos Jogos Mundiais Universitários de 1963 houve momentos que poderíamos dizer, fizeram parte da Projeção Artística do evento, como por exemplo, a participação de Bandas marciais, corais, torcidas, a participação de grupos de dança e espetáculo pirotécnico. Ao mesmo tempo em que havia manifestações da imprensa apontando o programa da abertura como “bastante fraco”, segundo as colocações do jornal Folha Esportiva:

“Evoluções em bandas são já coisa corriqueira e que pela repetição em toda e qualquer ocasião já é espetáculo enfadonho. Mais ainda, a parte folclórica será evidentemente prejudicada pelas dimensões do estádio (um espetáculo dessa natureza desaparece em um gramado de quase 10 mil metros quadrados) e, finalmente, a exibição de escolas de samba, prevista é algo que chega a estupefazer. Efetivamente, se já não somos fortes em samba aqui no sul, que dirá apresentando um conjunto de cidade onde valsa sempre predominou.” (FOLHA ESPORTIVA, 24/08/1963)

Dois dias após a abertura da Universiade de 1963, o jornal noticiava algo diferente: “A inauguração festiva, sábado à noite, foi um espetáculo realmente brilhante, de que dificilmente irão se esquecer aqueles que o presenciaram” (FOLHA ESPORTIVA, 02/09/1963). De fato havia muita expectativa com relação a este

momento. “O Rio Grande do Sul através do magnífico programa elaborado pelo departamento de Cerimonial, demonstrará sua hospitalidade, seus costumes e tradições” (CORREIO DO POVO, 30/08/1963).

Para abrilhantar o evento, a participação das escolas foi considerável, seja através das torcidas organizadas para animar o evento, “Cerca de seis mil estudantes fazem parte da torcida organizada e se apresentarão com megafones amarelos para as meninas e verdes para os rapazes. Ontem pela manhã, houve o primeiro ensaio no Olímpico” (ULTIMA HORA, 31/08/1963), ou então através de coros que entoaram o hino brasileiro “O Instituto de Educação, com seu Coral, entoara o Hino Nacional. Textos – A torcida organizada saudara os países com frases e cantos alusivos as pátrias distantes” (Idem). No total foram 26 escolas convocadas para entusiasmar o grande público, porém muitos acabaram ficando do lado de fora:

Estudantes já se aglomeravam no portão 3 horas antes das quatro da tarde na expectativa de conseguir o melhor lugar na Cerimônia de Abertura da Universidade de 63. Mas esse portão ao contrário dos outros, só foi aberto às seis e meia da tarde, quando – praticamente – já não havia mais acomodações dentro do estádio. Vários estudantes que haviam sido convocados para formar a torcida organizada e sacrificaram horas de ensaio ficaram do lado de fora e apenas ouviram a cerimônia de abertura (KOCH, 2003)

Para além das torcidas e corais, foi reservado para o final da cerimônia inaugural, a realização de danças típicas gaúchas e brasileiras. Koch (2003) coloca que “os gaúchos brindaram os universitários evocando as melhores tradições”.

Foi magnífica! Reunimos diversos grupos artísticos e demos uma conotação gauchesca. Colocamos dois tabladros grandes no gramado – para que o público pudesse visualizar – para a apresentação. Trouxemos dois cavalarianos com dois cavalos de pelagem tordilha, ou seja, bem brancos. Durante a apresentação – no Estádio Olímpico completamente lotado – o público reagiu e, à medida que os músicos e dançarinos faziam evoluções, eram acompanhados pela massa popular. Para mim foi a maior manifestação da platéia na minha carreira. O povo cantava as músicas do Rio Grande do Sul de forma espontânea. Ao término de cada número, o público se manifestava com carinho aos artistas (depoimento de Paixão Côrtes *apud* KOCH, 2003).

O grupo de Paixão Côrtes chamava-se “Lenço Branco” e durante a execução das suas performances, as apresentações foram traduzidas por interpretes de francês e inglês. (FOLHA DA TARDE, 02/09/1963). Tendo como base as colocações de Paixão Côrtes, podemos pensar que a intenção em trazer um grupo de dança típica gauchesca, seria de mostrar a cultura do povo gaúcho. Além da cultura local houve a evoluções realizadas por escolas de samba de Porto Alegre. Posterior a execução do grupo Lenço Branco, deram entrada os passistas Vagalumes do Luar e o Cobras (FOLHA DA TARDE, 02/09/1963). Para encerrar o evento, foi realizado no final um espetáculo pirotécnico (JORNAL DO DIA, 01/09/1963).

5.2 As competições esportivas da Universíade de 1963

Os clubes e outros espaços precisavam estar preparados para as nove modalidades esportivas – atletismo, basquetebol, esgrima, ginástica, natação, pólo aquático, saltos ornamentais, tênis, voleibol – que seriam disputadas durante a Universíade de 1963. A remodelação de espaços esportivos pré-existentes, adequando-os às necessidades impostas pela iminência do evento constituiu outro pilar de interesse deste estudo. Dentre estes, os clubes esportivos como o *Grêmio Foot ball Porto Alegrense*, *Grêmio Náutico União*, *Petrópolis Tênis Clube*, *Associação Leopoldina Juvenil*, *Veleiros do Sul*, *Grêmio Náutico Gaúcho* e *Grêmio Esportivo Wallig* (Revista do Globo, 1963), constituíram o principal alvo das preocupações modernizadoras que encapavam a essência da Universíade.

Atendendo a solicitações de algumas das delegações participantes, diversas pistas atléticas de estádios da capital tiveram que sofrer adaptações. A pista do *Grêmio Football Porto Alegrense*, por exemplo, cujas curvas foram consideradas muito fechadas pelos técnicos europeus, teve as extremidades atenuadas (Figura 28).



Figura 30 – Atendendo solicitações de algumas das delegações, diversas pistas atléticas de estádios da capital tiveram que sofrer adaptações. A do Grêmio Porto-Alegrense, cujas curvas foram consideradas muito fechadas, pelos técnicos europeus, teve as extremidades atenuadas Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 7, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

Também no Estádio Olímpico do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegre*, local onde, conforme vimos no capítulo anterior, foram realizadas as cerimônias de abertura e encerramento do evento, bem como, nos demais dias, as competições esportivas, foi construído um Pórtico.

Em meio ao referido processo de construção e reconstrução de espaços esportivos na cidade de Porto Alegre, faz-se interessante destacarmos a participação da Associação Japonesa de Ginástica no fornecimento de modernos aparelhos de ginástica a serem utilizados em tais espaços. Colocados à disposição dos porto-alegrenses, em função da participação de vários campeões nipônicos em atletismo nos Jogos Mundiais Universitários, tais aparelhos representavam, de um lado, a participação, o incentivo e a importância que a delegação japonesa conferia

ao evento em questão e, de outro, a possibilidade, até então singular, de atletas das mais diversas nações, como a brasileira, serem socializados na prática esportiva, por meio de instrumentos tão sofisticados.

Nesse passo, razões como estas, acrescidas e impulsionadas por uma apaixonada entrega à vida esportiva, mobilizaram a interferência incansável do Sr. Jorge Ayub, secretário geral do evento, nos trâmites burocráticos que dificultavam o transporte de tais aparelhos ao Brasil e, especialmente, a Porto Alegre. Se após um acerto por correspondência, o Japão dispôs-se, inclusive, a cobrir as despesas de embarque de tais aparelhos espontaneamente, a Embaixada Brasileira tratou de manifestar o que Ayub (Revista do Globo, 1963) chamou de “a boa e velha burocracia”, impedindo aqui, em duas situações a chegada dos instrumentos ginásticos. Faltando apenas dois dias para encerrar o prazo que conceberia, em tempo hábil, a chegada dos referidos instrumentos em terras brasileiras, o então secretário geral lançou-se ao encontro da remota possibilidade que lhe restava, em uma atitude tão desesperada quanto corajosa: o encontro, pessoalmente, com o embaixador japonês no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Em suas palavras, concedidas na ocasião em entrevista a Revista do Globo (1963), podemos perceber o teor de sua paixão pelo evento que se iniciava:

“A comunicação [da negação dos aparelhos pela Embaixada Brasileira] chegou-nos a 9 de agosto, a tardinha. O último prazo de embarque no Japão, viável para o recebimento do material a tempo aqui, era domingo, dia 11. Não tive dúvidas. Com apenas a roupa do corpo e praticamente sem dinheiro no bolso, apanhei o avião das 18 horas para o Rio. Somente na manhã seguinte pude ser recebido pelo embaixador. Após longa argumentação e troca de amabilidades, consegui vencer sua relutância[...] Embora, pela diferença de horário, já fossem 20 horas no Japão, enviei assim mesmo o telegrama dizendo “OK”. Tive que “quebrar o galho” também na Radional, pois não levava dinheiro suficiente. Falei em nome da Universidade e mandei cobrar em Porto Alegre (sic). Foi uma verdadeira corrida contra o tempo. Os aparelhos chegaram ao Rio de Janeiro no dia 23 e aqui a 28 de agosto (sic). Bem na hora, portanto...”

Clubes como o *Grêmio Náutico União* e a *Associação Leopoldina Juvenil* adaptaram suas instalações para as provas de ginástica, natação e saltos ornamentais no primeiro e os jogos de voleibol e tênis no segundo.

Já os jogos de vôlei foram disputados desde o dia 31 de agosto até o final do evento, oito de setembro. A seleção masculina da Tchecoslováquia era apontada como grande favorita ao título, já que havia conquistado os últimos quatro campeonatos europeus, além de ser a campeã universitária na época. No entanto, a

União Soviética conquistou o ouro e, o Brasil e a Tchecoslováquia disputaram a medalha de prata, que ficou com os tchecos. Já entre as mulheres, a ausência dos países do leste europeu apagou o possível brilho que a competição poderia ter. Com uma vitória muito festejada, o vôlei feminino do Brasil garantiu o ouro com uma rodada de antecedência. Um fato importante foi a significativa presença do público, lotando as dependências dos ginásios da SOGIPA e do Grêmio Náutico União não só nos jogos do Brasil, mas também nas demais partidas.



Figura 31 – Seleção Brasileira de Voleibol no Ginásio do Grêmio Náutico União Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9508>, 2008



Figura 32 – Partida final de voleibol. Brasil 3 X Cuba 1 Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9515>, 2008

Para os torneios de tênis, esteve presente nas quadras da Associação Leopoldina Juvenil participantes de 15 países, quase todos europeus. Um dos representantes brasileiros foi o gaúcho Luis Fernando Koch, irmão do lendário Thomaz Koch. Os títulos em duplas foram definidos no dia 6 de setembro, com vitória dos alemães no masculino, Hungria no feminino e Itália nos mistos. Os títulos simples foram vencidos pela Alemanha no masculino e pela Tchecoslováquia no feminino.



Figura 33 – Quadras da Associação Leopoldina Juvenil, Tênis Feminino Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9565>, 2008

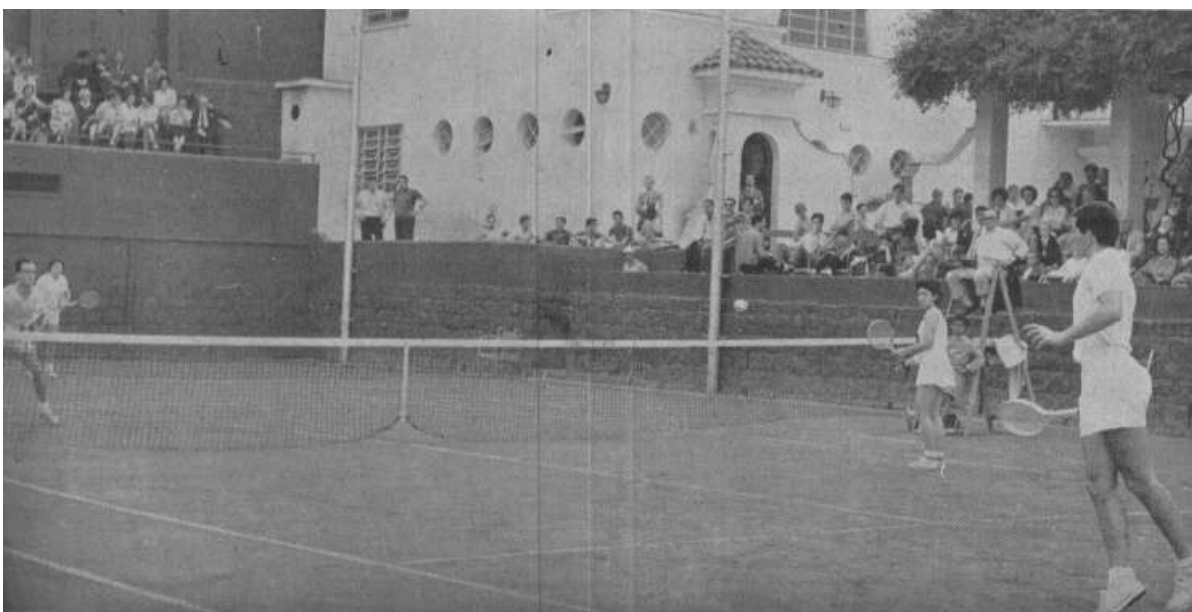


Figura 34 – Associação Leopoldina Juvenil. Competição tenística entre a dupla brasileira e a italiana: respectivamente, Sfoggia-Koch e Riedl Maioli Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 36, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

No que se refere aos saltos ornamentais, foi necessário adquirir uma prancha de alumínio, importada de Pasadena, Estados Unidos da América, sem a qual não haveria exibição de tal modalidade. Nos saltos ornamentais, apenas quatro países participaram das competições, com vitórias do Japão no masculino e da Alemanha no feminino. A brasileira Tizu Sato levou a medalha de bronze.



Figura 35 – Barbel Urban (atleta da Alemanha), medalha do ouro no salto ornamental realizado na piscina do Grêmio Náutico União Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9563>, 2008

Com relação à natação, 17 nações competiram na piscina do Grêmio Náutico União, sem a presença das principais estrelas mundiais, Austrália e Estados Unidos. No final das competições, o balanço foi positivo com quebra de vários recordes. A

Hungria dominou as provas femininas, enquanto o Japão foi o melhor entre os homens.

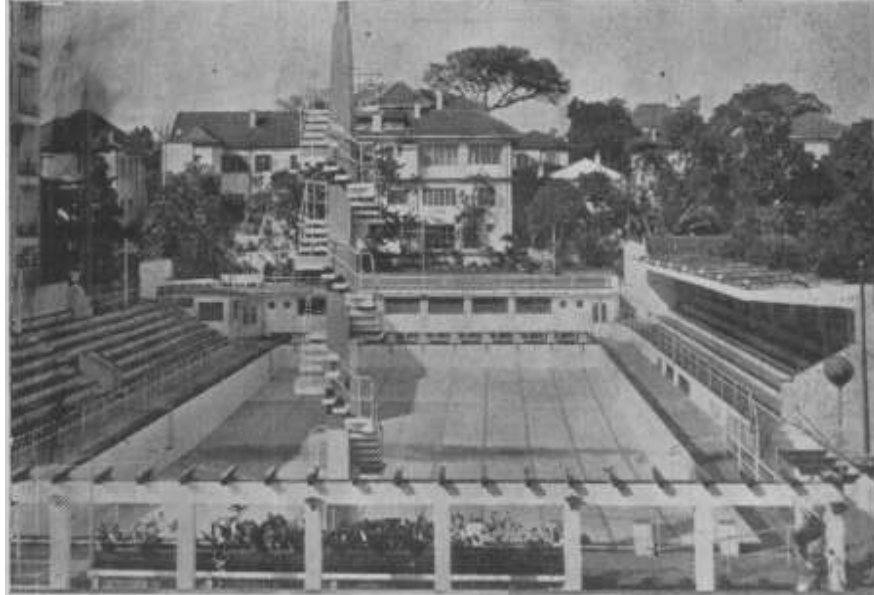


Figura 36 – A maioria das provas de natação foram levadas a efeito na piscina térmica do Grêmio Náutico União Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 854, p. 5, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

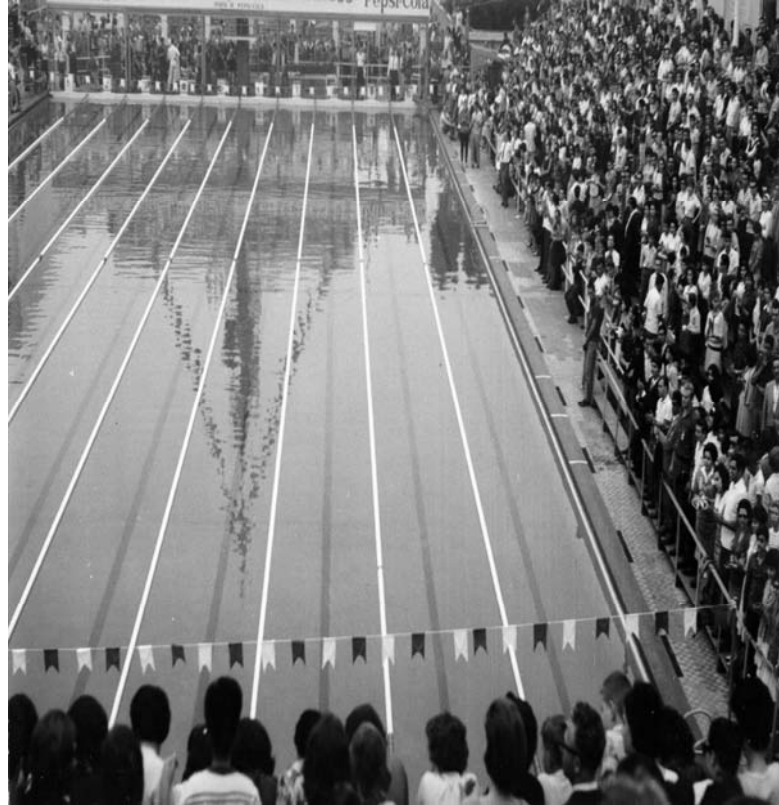


Figura 37 – Piscina do Grêmio Náutico União onde aconteceram as provas aquáticas da Universidade de 1963 Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9513>, 2008.

As competições de pólo aquático foram realizadas na piscina do Petrópole Tênis Clube, com destaque para húngaros e soviéticos, que reinaram livremente sem a presença da Itália, campeã olímpica. Confirmando o favoritismo, a Hungria foi ouro, a União Soviética foi prata e o Brasil conseguiu a medalha de bronze.

Na figura abaixo a cerimônia de premiação aos vencedores de provas aquáticas na Universidade de 1963:



Figura 38 – Cerimônia de premiação dos vencedores da competição de natação. Fonte: Acervo do Museu Hipólito da Costa de Porto Alegre.

Como vimos, as disputas de pólo aquático ocorreram em um clube tradicional da cidade, no *Petrópolis Tênis Clube* (DOMINGOS, 2008), mas na competição de esgrima, houve uma inovação: foram utilizados os armazéns A e B do Cais do Porto. Ainda antes do começo das provas, comentava-se, em Porto Alegre, que seria a maior competição de esgrima da história, contando com a presença de mais de 100 atiradores, os quais representavam 17 países, e com os campeões mundiais dos três últimos anos (KOCH, 2003). Sendo assim, a esgrima foi a modalidade que abriu as competições da Universíade no dia 30 de agosto.

Húngaros e poloneses foram os destaques na esgrima, conquistando a maior parte das medalhas neste esporte. O inglês Charles Louis de Beaumont, dirigente da esgrima, considerou que a modalidade contou com uma equipe voluntariosa e competente na organização. Beaumont ainda elogiou os atletas, apesar de reclamar do local afastado dos demais para as competições do esporte. Contrariando a maioria das demais modalidades da Universíade 63, durante a competição de esgrima não foi registrada significativa presença do público no Armazém D4. Apesar

de tal fato, pelo menos quem não conhecia o esporte teve a oportunidade de ter os primeiros contatos. E, por outro lado, a previsão inicial de que a esgrima reuniria os melhores do mundo em Porto Alegre foi confirmada.

As provas de ginástica foram disputadas no ginásio do Grêmio Náutico União, situado na Rua Quintino Bocaiúva, nos dias primeiro e dois de setembro. A favorita era a União Soviética, que trouxe a Porto Alegre o que tinha de melhor com atletas consagrados tanto no masculino, como feminino. No entanto, foram surpreendidos pelas jovens equipes dos seus principais adversários: Japão no masculino e Hungria no feminino. Os japoneses dominaram a primeira etapa das apresentações masculinas e confirmaram as vitórias por equipe. Com um grande público, as húngaras brilharam no primeiro dia de competições e vieram a confirmar também seus títulos por equipe. O Brasil apenas figurou no evento, ocupando posições intermediárias, pois os atletas não estavam prontos para competir em nível internacional. Mas, a experiência na Universíade de 1963 acrescentou mais qualidade técnica aos ginastas e renovou o material esportivo para os clubes.



Figura 39 – As arquibancadas do Grêmio Náutico União, ficaram literalmente tomadas pelo público nas competições de ginástica olímpica. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 855, p. 31, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

No basquete, a presença dos países foi reduzida. Somente seis países disputaram o basquete masculino sem a participação de Estados Unidos e União Soviética, o que veio a facilitar a vitória do Brasil. Na partida final contra Cuba, contando com uma torcida que vibrou freneticamente, o Brasil venceu por 26 pontos de diferença, levando a medalha de ouro. Já o torneio feminino foi cancelado por insuficiência de participantes. Como o time brasileiro já estava preparado, organizaram-se alguns jogos amistosos entre Brasil e Rio Grande do Sul.



Figura 40 – O ponto alto de todas as provas foi o basquete, pela presença de grandes estrelas desse esporte. Em especial, a participação do bicampeão mundial, Succar Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 855, p. 32, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

O atletismo, por sua vez, contou com a participação de 21 países, reunindo estrelas olímpicas. A União Soviética levou o maior número de medalhas, ficando em segundo lugar a Alemanha e, em terceiro, a Grã-Bretanha.

Na tabela abaixo, pode-se visualizar o melhor desempenho da Universidade de 1963, pertencente à Hungria, conquistando não só o maior número de medalhas de ouro, mas também o maior número de medalhas no total. Já o Brasil ocupou a oitava

colocação no quadro de medalhas, conquistando duas medalhas de ouro (basquete masculino e vôlei feminino) e oito medalhas de bronze, totalizando dez medalhas.

Tabela 1 – Quadro de medalhas (KOCH, 2003)

<i>COL.</i>	<i>PAÍS</i>	<i>OURO</i>	<i>PRATA</i>	<i>BRONZE</i>	<i>TOTAL</i>
1	Hungria	19	13	06	38
2	União Soviética	18	12	03	33
3	Alemanha	11	10	13	34
4	Japão	09	04	06	19
5	Grã-Bretanha	04	06	03	13
6	Itália	03	05	11	19
7	Polônia	02	01	00	03
8	Brasil	02	00	08	10
9	França	01	06	03	10
10	Cuba	01	02	05	08
11	Tchecoslováquia	01	02	00	03
12	Espanha	00	01	02	03
	Peru	00	01	02	03
14	África do Sul	00	01	01	02
	Holanda	00	01	01	02
16	Suíça	00	01	00	01
	Uruguai	00	01	00	01
18	Bélgica	00	00	01	01
	Chile	00	00	01	01
	Luxemburgo	00	00	01	01
	Iugoslávia	00	00	01	01
-	Argentina				
	Bulgária				
	Israel				
	Noruega				
	Portugal				
	Venezuela				

5.3 A ausência dos Estados Unidos na Universíade de 1963 e a fuga do atleta cubano

A grande ausência na Universíade de 1963 foi da delegação americana. Koch (2003) refere que os Estados Unidos nunca haviam enviado atletas representantes para nenhuma das Universíades anteriores. Porém é preciso fazer a ressalva que os EUA haviam participado recentemente dos Jogos Pan-Americanos em São Paulo. Para o mesmo autor os motivos não seriam nem políticos, nem financeiros e sim de má organização interna.

Em uma reportagem do Jornal Folha Esportiva, é divulgado os motivos pelos quais a delegação norte-americana não compareceria, através de uma carta oficial do consulado. Segundo esta, as razões seriam financeiras.

Consulado Americano – Porto Alegre, Brasil – 29 de Agosto de 1963. A direção da Folha da Tarde Esportiva” – Nesta capital.

Prezado Senhores: Em atenção aos muitos pedidos com relação a não participação dos Estados Unidos na Universíade-63, o Consulado Americano acha apropriado tornar publica a informação recebida do Bureau de assuntos Educacionais e culturais em Washington, a qual foi transmitida ao Comitê executivo da Universíade, nesta cidade: A Associação Nacional de Estudantes (National Students Association) e a organização correspondente a Fedetion International Du Sport Universitaire (FISU) nos EUA. Seu presidente, Dennis Shaul, após consultar o Sr. Walter Byers, Diretor executivo do Nacional Collegiate Athletic association, Informou ao departamento do estado que não seria possível angariar fundos para o envio de atletas americanos a Universíade de 1963.

A associação Nacional de estudantes, que seria responsável pelo financiamento deste projeto, e uma entidade privada, e não recebe subvenção de qualquer entidade governamental. Vale mencionar que o governo do EUA não possui escolas publicas em grau universitários. Enquanto algumas universidades são mantidas pelos governos estaduais ou municipais, as principais instituições de nível superior do país são particulares ; provavelmente pelo fato de que o ano acadêmico normal começa na primeira semana de setembro tenha sido um fator adicional na decisão de não participar dos Jogos. O Consulado foi informado (informação essa já publicada pela imprensa local) de que os Srs. Thomas Lamercaux e Robert Aragon, assistentes Latinos- Americanos da Associação

Nacional de Estudantes, representarão os EUA nas reuniões da FISU que serão realizadas com relação a Universidade. Espero que esta informação seja de auxílio para a elucidação do assunto e aproveito a oportunidade para expressar meus sinceros votos de um completo sucesso aos Jogos Universitários. Thomas J. Duffied. Cônsul Americano (FOLHA ESPORTIVA, 30/08/1963).

Mesmo o convite pessoal da nossa Miss Universo Ieda Vargas (FOLHA ESPORTIVA, 04/07/1963) que, colaborando com o Comitê Executivo dos Jogos Universitários Mundiais, portou uma mensagem aos universitários americanos solicitando o comparecimento dos mesmos na competição, não foi o suficiente para atraí-los à competição.



Figura 41 – Nos momentos de folga, os cubanos descansam na sacada dos apartamentos da Vila Olímpica. Para não esquecer seu país, colocaram abaixo a bandeira cubana. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 855, p. 29, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM

No decorrer do evento, outro acontecimento repercutiu amplamente em todos os jornais: a fuga do atleta cubano de 25 anos, Roberto Perez Ondarse, integrante da equipe cubana de basquetebol. O atleta saiu a passear com dois companheiros de equipe e, na Rua dos Andradas, desapareceu tomando rumo ignorado. Posteriormente, foi noticiado que ele pretendia seguir para o centro do país, a fim de solicitar asilo político no Brasil.

O atleta explicou para um repórter o motivo de sua deserção: “eu estou noivo e pretendo casar-me, mas entendo que em Cuba não há ambiente para dar à minha futura esposa e aos meus filhos o tipo de vida que me agrada e, portanto, lhes desejo”. O atleta era noivo da jogadora de voleibol brasileira Maria de Lourdes

Caldeira, conhecida pelo apelido de Marilu, que conheceu em Cuba, durante os Jogos Universitários Centro-Americano (CORREIO DO POVO, 5 de setembro de 1963).

Nas figuras abaixo, evidenciam-se manchetes e charges de jornais da época, repercutindo a fuga do atleta da delegação de Cuba:



Figura 42 – Manchete em Jornal – Fuga de Atleta da Delegação de Cuba. **Fonte:** Jornal FOLHA DA TARDE, 05/09/1963, p. 27.

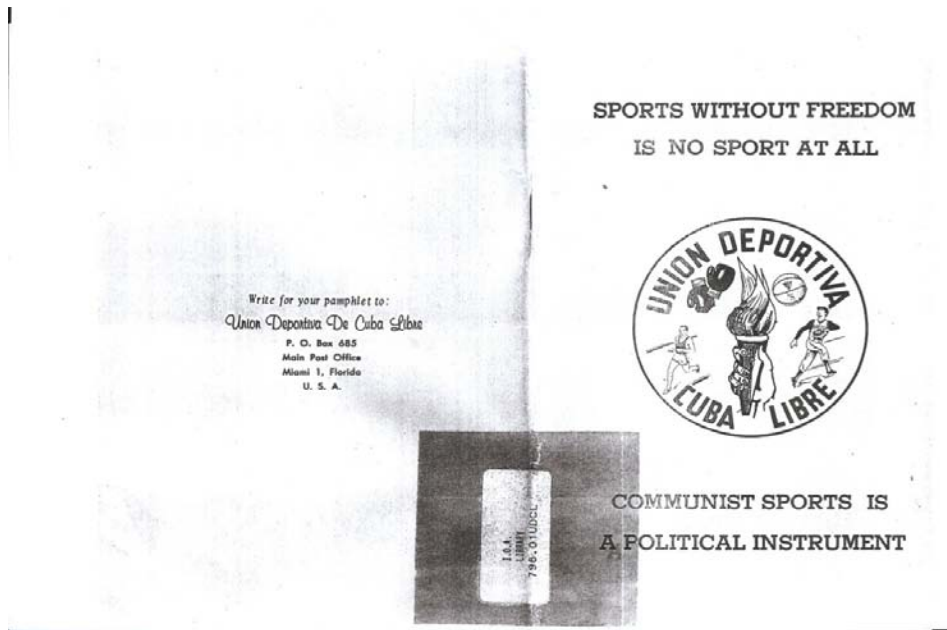


Figura 43 – Boletim Union Deportiva Cuba Libre Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Leonardo Mataruna

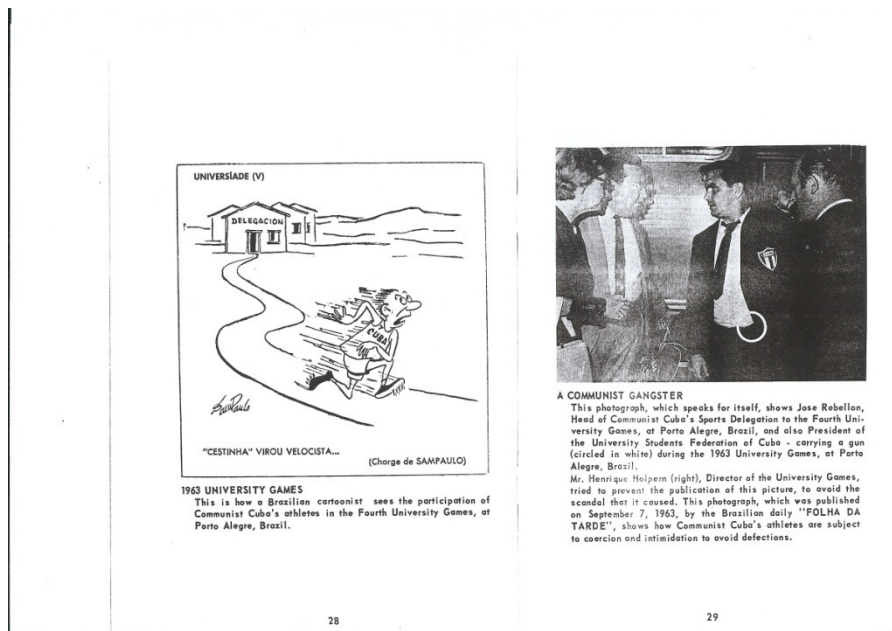


Figura 44 – Charge sobre Fuga de Atleta Cubano no Boletim Union Deportiva Cuba Libre, p. 28-29. Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Leonardo Mataruna

A “fuga do cubano” motivou os jornais a publicar mais uma notícia de impacto: o reencontro de dois irmãos espanhóis que não se viam há onze anos. O irmão mais velho Henrique Areta havia deixado Madrid, na Espanha, durante o período do governo de Franco e nunca mais para lá retornou, revendo pela primeira vez o irmão caçula, que fazia parte da delegação espanhola, nos Jogos em Porto Alegre (FOLHA ESPORTIVA, 27 agosto de 1963).

**6 O ENCERRAMENTO DA UNIVERSIDADE DE 1963:
“ILHAS DE LEMBRANÇA”**

6 O ENCERRAMENTO DA UNIVERSÍADE DE 1963: “ILHAS DE LEMBRANÇA”

A Cerimônia de Encerramento, planejada para o dia 8 de setembro de 1963, teve como palco o mesmo local da cerimônia de abertura: o Estádio Olímpico. O término da U-63 apresentou uma programação bem menos elaborada do que a celebração de inauguração. Foram tomadas todas as medidas necessárias na festa de encerramento para evitar os mesmos problemas que foram registrados com os estudantes na abertura. Foram reservados lugares exclusivos para os alunos dos colégios convocados a formar a torcida organizada. A programação de encerramento apresentava a seguinte seqüência:

20h	Chegada das autoridades e convidados;
20h30min	Exibição de ginástica da equipe da União Soviética;
21h30min	Homenagem às delegações; com pronunciamentos de Primo Nebiolo (presidente da FISU), Sylvio Kelly dos Santos (presidente da CBDU), José Antonio Aranha (presidente do Comitê Organizador) e Henrique Halpern (presidente do Comitê Executivo);
21h45min	Cerimônia de arriamento das bandeiras;
21h50min	Extinção do fogo olímpico seguido por show de fogos de artifício.

Mais uma edição da Universíade encerrava-se com a valsa do adeus saudando as delegações, as bandeiras arriadas e a pira olímpica sendo extinta. A celebração de abertura repetiu-se em Porto Alegre; todavia, sem o clima de expectativas e tensão pelo início do evento. Durante o desfile final, destacaram-se britânicos, italianos e sul-africanos. José Antonio Aranha – presidente do Comitê Organizador -, Henrique Halpern – presidente da FUGE e do Comitê Executivo – e Primo Nebiolo – presidente da FISU receberam homenagens especiais. Contudo, o principal momento da cerimônia de encerramento foi ocorrido quando as bandeiras dos países participantes da U-63, do Brasil, do Rio Grande do Sul e da FISU foram

arriadas. Em seguida, a chama olímpica foi extinta por Adhemar Ferreira da Silva, logo iniciando um show pirotécnico.

O vice-presidente do Conselho Nacional de Desporto, Valed Perry, presenciou a celebração de encerramento. Com relação à festa, suas palavras foram:

“Foi uma festa espetacular. Lamentavelmente só pude assistir ao último dia de provas e ao esplendoroso desfecho. Somos um país democrático e creio que o Estado deveria se entusiasmar mais pelo esporte, realizar mais praças esportivas, mas também prestigiar as iniciativas dos clubes” (KOCH, 2003).

A emoção também caracterizava o estado de Primo Nebiolo com o fim da competição, como atesta sua fala: “Foi uma grande promoção. A organização esteve ótima, tudo andou bem. Os resultados foram excelentes e aí estão vinte e oito recordes para comprovar o sucesso dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre” (KOCH, 2003, p. 54) .

Atletas brasileiros e delegações estrangeiras começaram a partir da capital do Rio Grande do Sul no dia seguinte à festa de encerramento. Os primeiros a retornar foram a União Soviética, a Itália e os jogadores de basquete brasileiros. De acordo com a Revista do Globo (1963), os primeiros a nos deixarem foram os japoneses (sic), os sul-africanos e os italianos. Depois, às 5 horas e quase sem aviso prévio, os soviéticos disseram adeus a P. Alegre. Seguiram-se as delegações da Hungria, Portugal, França, Inglaterra, Tchecoslováquia, Holanda e Alemanha. E assim, pouco a pouco, o que estava deixou de estar e quem ficou soube o que é saudade.

O momento da partida de algumas delegações participantes da Universíade de 1963, rumo ao Aeroporto Salgado Filho. Ainda de acordo com as reportagens, as delegações que deixavam Porto Alegre, rumo aos seus países de origem, faziam-no com profundo pesar, em virtude da lembrança dos bons e acolhedores momentos que naquela vivenciaram. As representações acerca da grandiosidade do evento, suas marcas e suas lembranças, foram trazidas à tona, também, por uma série de imagens reforçavam o momento da despedida. Cenário de inúmeras alegrias e ocasiões festivas durante o período do evento, o refeitório central é retratado nesta imagem, como ponto de encontro final das diversas delegações.



Figura 45 – O último almoço teve sabor de ausência, antecipando a partida. Apesar disso, os atletas confraternizaram pela última vez no refeitório engalanado para a ocasião. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 37, 1963. In: MAZO, J. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

Desse modo, porém, a construção de representações acerca do evento, a partir do referido sentido e sentimento de saudade, atingiu seu auge por meio da tática jornalística de revisitar os locais esportivos de Porto Alegre que dias antes, serviram de palco para o espetáculo da competição. De fato, a Universíade de 1963 havia superado, em muitos sentidos, as expectativas de seus organizadores. Assim, os espaços agora vazios, privados, ao mesmo tempo, do calor humano da população gaúcha e da alegria frenética dos povos visitantes, eram capazes de retratar a essência do que aquele grande fenômeno esportivo significara.

Igualmente compondo as representações sobre a cidade de Porto Alegre, a hospitalidade foi outra marca sensível que muito se fez presente nas fontes consultadas. A preocupação em associar tal característica à personalidade do povo gaúcho e, no mesmo passo, à cidade, como um todo, justificava todos os esforços que se mostraram necessários para o alcance de tal fim. O fomento de uma identidade hospitaleira e carinhosa, por parte dos anfitriões, pode assim ser entendido como uma grandiosa estratégia adotada, no sentido de conduzir e comandar o foco das atenções que poderia vir a recair sobre as inevitáveis limitações e falhas da organização. Diante disso, e protegendo-se, em alguma

medida, das críticas a esse respeito, a Revista do Globo (1963) registrava em suas páginas, a seguinte nota:

“O calor da nossa acolhida, o carinho por todos demonstrado, as atenções de que foram alvo, o entusiasmo da torcida, foram coisas além da expectativa. Se falhas houve, não chegaram a ser notadas pelos visitantes, graças à hospitalidade que os cercou em todos os momentos.”

No mesmo passo, o frio e a umidade que acometiam Porto Alegre em meados de setembro de 1963, parece ter se constituído em uma das poucas reclamações presentes na representação que fora construída sobre a cidade. Registrada nos meios de comunicação através de entrevistas com jovens atletas de diversas delegações, as lamentações acerca da temperatura eram simultaneamente, amenizadas pelas considerações do “calor humano” dos gaúchos, como nos mostra a fala de Jean Gontier, atleta suíço de Esgrima “Gostei muito de sua cidade. Esperava que fosse (sic) mais quente do que é. O povo é hospitaleiro e amigo” ou a de Jesus Farres, instrutor cubano de Atletismo: “Muito úmido, porém cidade bonita e povo hospitaleiro” (REVISTA DO GLOBO, 1963).

“Mais alguns dias e pouco restará do muito que foi” (Revista do Globo, 1963). Os dias que anunciavam o fim da Universíade de 1963 foram atravessados por uma atmosfera de nostalgia que, reunindo sentimentos como felicidade, realização e saudade, fazia emergir, nos diversos meios de comunicação, uma identidade peculiar aos Jogos Mundiais Universitários de 1963. Se como vimos anteriormente, Porto Alegre enquanto cidade preocupou-se sensivelmente com as representações que se construiriam acerca de si, no cenário mundial; no mesmo passo, enquanto cidade-sede da Universíade de 1963, sua preocupação primordial concentrou-se na realização de um evento que repercutisse, por sua vez, representações majestosas.

Tal atmosfera de nostalgia, portanto, inundava as páginas da Revista do Globo, esta, principal fonte de pesquisa na qual nos apoiamos. Se antes tais páginas transbordavam em alegrias ao relatar a preparação, o início e o decorrer do evento, em meio às vitórias, fatos pitorescos e, sobretudo, ao trabalho da comissão organizadora; agora, em vias de finalização, a Universíade de 1963 era retratada como um fenômeno já passado, que além de muitas conquistas, deixava ao povo gaúcho, muitas saudades:

Findar a referida competição significava, a muitas personalidades que com ela efetivamente se envolveram, despedir-se de um projeto de quase dois anos, construído em meio a muitas dificuldades. Se faltaram experiência diante de um

evento de tamanha grandeza, lhes sobraram paixão, entrega e o desejo de acertar. Nesse sentido, as representações sociais que foram encontradas sobre o evento, são fortemente vinculadas às lamentações das despedidas, aos dez dias de alegria em que a cidade ficara completamente mobilizada, ao que foi e, também, ao que agora não é mais.

Um “silêncio ensurdecador” tomara conta das diversas dimensões da cidade. Os corredores da antiga sede do Banco do Brasil e o “Mata-Borrão”, que há pouco se encontravam repletos de pessoas atarefadas, encontravam-se agora, bastante silenciados. Com a ausência de muitos, as feições diversificadas não mais se misturavam e as conversações, em línguas tão distantes quanto próximas, não mais aconteciam. Aqueles que ficaram resumiam-se a um grupo de funcionários, em sua maioria, dirigentes e membros da administração central, cujos trabalhos já era possível avistar o fim.



Figura 46 – Por este corredor, passaram atletas, intérpretes e dirigentes. Após o fim da Universíade de 1963, tudo estava calmo e tornava quase impossível imaginar o que aconteceu naquele lugar. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 39, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

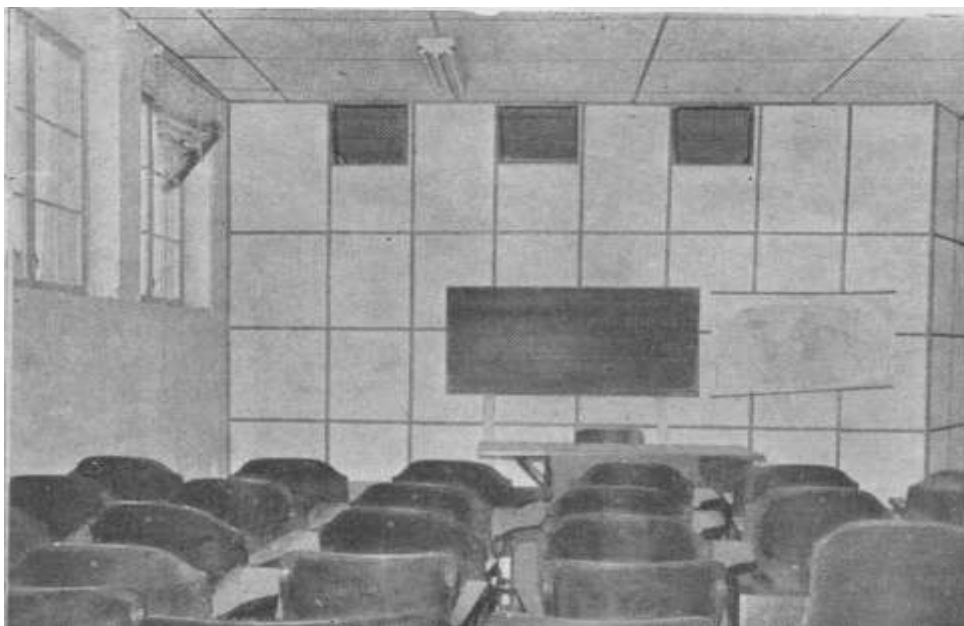


Figura 47 – O lugar onde outrora os intérpretes faziam suas reuniões e aprendiam como tratar os visitantes mostra apenas cadeiras vazias e silentes. Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 39, 1963. In: MAZO, Janice. O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

No mesmo passo, a Vila Olímpica, que há pouco cumpria a majestosa função de abrigar as grandes estrelas esportivas da competição, colorida pelas diversas bandeiras nacionais, retornava agora, a sua condição, não tão brilhante, de Conjunto Habitacional da Caixa Econômica Estadual, de Porto Alegre. A população esportiva que durante a Universíade de 1963, “encheu de calor e movimento os diversos blocos de concreto, as avenidas e o barzinho” (Revista do Globo, 1963), este construído especialmente para tal fim, retornou aos seus mundanos lugares de origem.

Reiteradamente, os veículos de comunicação enfatizavam o fim da Universíade de 1963, como se tal fosse uma estratégia necessária para o convencimento de todos. “Parece incrível que haja terminado!” (Revista do Globo, 1963) - essa era a idéia que circulava na cidade. A exemplo dos selos comemorativos, destacados na figura 46 foram criadas diversas “ilhas de lembrança” que objetivavam manter vivo na memória dos espectadores e atletas, a grandiosidade e a raridade do evento que outrora abrilhantara a cidade de Porto Alegre, e que agora, chegava ao seu fim.



Figura 48 – Selos comemorativos - Universíade de 1963 Fonte: Acervo Histórico da Escola de Educação Física/Repositório digital da UFRGS, <http://hdl.handle.net/10183/9555>, 2008

A Universíade de 1963 chegou ao fim. As delegações retornaram aos seus países de origem. Mais de duas mil pessoas entre atletas, dirigentes e comissões técnicas fizeram parte do cotidiano da cidade durante 10 dias. Porto Alegre, após a Universíade não poderia ser mais a mesma: a grandeza do evento não a permitia retornar ao mesmo lugar. Nesse sentido e em compasso com o recorte cultural privilegiado até então, as transformações trazidas pela U-63 à cultura esportiva de Porto Alegre serão apresentadas em duas diferentes dimensões, distintas e, ao mesmo tempo, complementares no capítulo que segue.

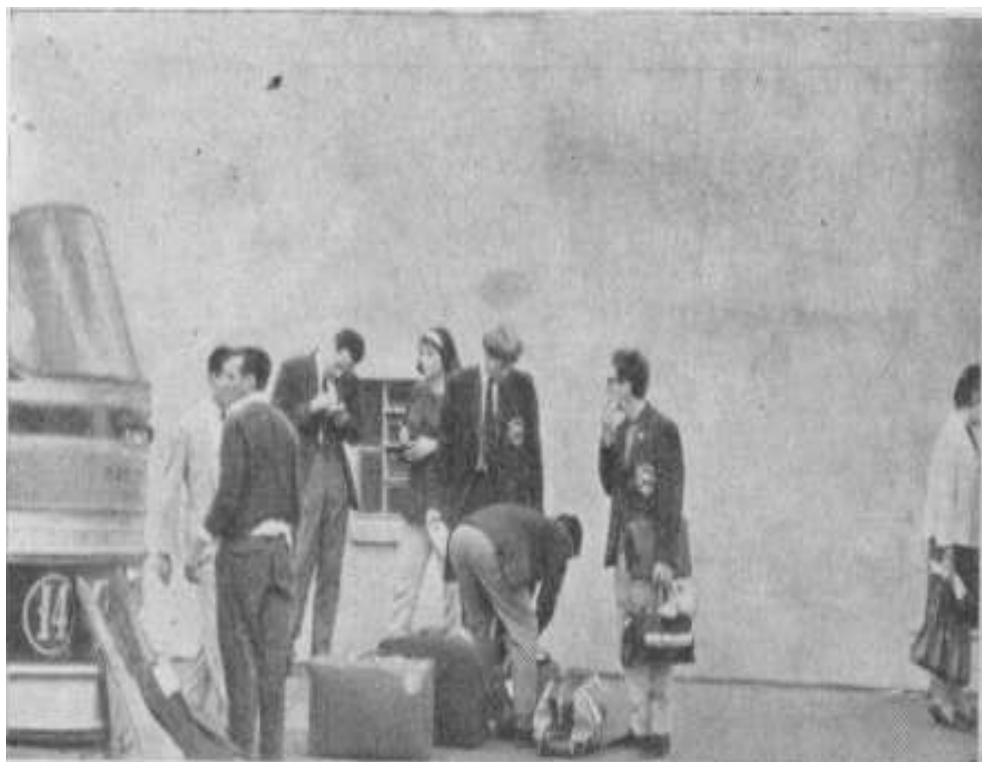


Figura 49 – Ao final, era pôr as malas no ônibus e rumar ao local de embarque.
Fonte: REVISTA DO GLOBO, n. 856, p. 34, 1963. In: MAZO, Janice.
O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-
1967. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitarmos, a partir de nosso olhar, a história dos Jogos Mundiais Universitários, ocorridos no ano de 1963, na cidade de Porto Alegre, deparamo-nos com um universo imenso de possibilidades ainda a ser explorado pelos pesquisadores apaixonados pela área da História do Esporte. Nesse caminho, no entanto, o voo que alçamos sobre o referido objeto de estudo, a partir das fontes documentais utilizadas, permitiu-nos uma aproximação significativa o bastante para que, nos limites deste estudo, algumas considerações a seu respeito pudessem ser tecidas. Estas, por sua vez, longe da pretensão de assumirem a configuração de “conclusões”, materializam, ao invés disso, nossas contribuições à preservação da memória de tão grandioso evento.

Importa salientarmos, antes do mais, que, aqui entendemos a Universidade de 1963 como um fenômeno que pôde ser realidade na capital gaúcha, por nesta encontrar incorporada, uma tradição associativa no campo esportivo, ou seja, um terreno fértil capaz de abrigar e impulsionar a grandiosidade que envolvia o evento. Desde a segunda metade do século XIX pela iniciativa dos imigrantes europeus, foram tecidas algumas ações como a criação de clubes na cidade, a organização de entidades e a realização de eventos esportivos. Esta configuração possibilitou a construção de uma rede social – associações, sociedades, clubes, agremiações, ligas e federações – na qual circulavam pessoas – atletas, lideranças associativas, sócios, familiares – interessadas em divulgar informações sobre o esporte, através de boletins, revistas, jornais, almanaques, reuniões sociais e conversas/diálogos no cotidiano, além de promover as práticas esportivas em competições de caráter local, regional, nacional e até mesmo internacional.

Ainda que, inevitavelmente, imersos em subjetividades, nosso olhar-pesquisador não nos permitiu ficar alheios ao fato de que esteve presente, nas fontes documentais utilizadas, uma atmosfera de supervalorização da imagem dos atletas participantes, da comissão organizadora do evento. Tais valores, reiteradamente positivados, foram repassados aos espectadores dos jogos através da divulgação do esforço dos atletas, da sua superação, do primor que consistiu a

organização das atividades administrativas e organizacionais e, sobretudo, através da propagação da idéia de uma essência hospitaleira e alegre que caracterizasse o povo gaúcho como um todo. Assim, os jornais e revistas responsáveis pela divulgação da Universíade de 1963 utilizaram, em seus textos, elementos da língua que elevam o atleta ao patamar de mito e o evento, as dimensões e representações dos Jogos Olímpicos.

Nesse caminho, se todas ou, pelo menos, a maioria das informações jornalísticas, que envolviam o evento, veiculadas nos meios de comunicação impressos e radiofônicos, atravessavam, obrigatoriamente, as diversas dimensões do “Mata-Borrão”, é possível relacionarmos as representações sociais que se fizeram oficiais sobre as diversas dimensões e personalidades do evento, a interesses particulares presentes no ideário esportivo que, a partir daquele, almejava-se construir. Assim, entendemos que, monopolizando a circulação de idéias e conceitos, restringia-se, ao máximo, a possibilidade de emergir outras representações sociais, que não fossem aquelas previamente desejadas.

No mesmo sentido ressaltado no estudo de Nogueira (2003), as fontes documentais aqui analisadas nos levaram a constatar que os jornais, apesar de terem publicado que o esporte não serviria para discussões políticas, não seguiram aquilo que anunciaram e valeram-se do evento esportivo como forma de marcar uma posição política. Através das reportagens, o jornalismo esportivo em Porto Alegre não ficou alheio às questões políticas, mas sim, refletiu a polarização mundial e a tensão política brasileira através do debate político-ideológico estabelecido durante a Universíade de 1963. Desta forma, o evento acabou produzindo representações de posicionamento políticos em Porto Alegre.

No que tange ao período pós-Universíade, ao que tudo indica, há, novamente, a ressignificação da cidade: o esporte não mais era a lente para avistá-la. Após a realização da Universíade de 1963, há indícios que não houve continuidade em algumas ações desencadeadas em razão do evento. Isto pode ser percebido no que diz respeito ao embelezamento e limpeza da cidade, ao passo que também não se evidenciou iniciativas do poder público municipal e estadual, visando explorar o potencial turístico de Porto Alegre pós-Universíade. Esse quadro de abandonos se intensifica quando direcionamos o olhar à elaboração de políticas públicas para a difusão das práticas esportivas na cidade.

Por fim, é inegável considerarmos a vitória que significou a realização da referida competição, haja vista as condições prematuras em que se encontravam, em diversas dimensões, as possibilidades de Porto Alegre sediar um evento esportivo de tamanha grandeza, como o foram os Jogos Mundiais Universitários, do ano de 1963.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Luiz. ROUPA nova para U-63. *Última Hora*. Porto Alegre, 07/8/1963.

AUGUSTO, Luiz. A grande Universíade. *Última Hora*. Porto Alegre, 31/8/1963.

ALMEIDA, Mario de. Jango Ausente a Universíade. *Última Hora*. Porto Alegre, 28/8/1963.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes:Edições 3, 2005.

BARROS, Armando de. "Os álbuns fotográficos com motivos escolares: veredas do olhar". In: *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. GATTI Jr., Décio e INÁCIO Filho, Geraldo (orgs.). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CABRAL, Sid Pinheiro. Halpern & Companhia. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 11/7/1963.

CABRAL, Pinheiro. A "gaffe" presidencial. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 28/8/1963.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORREIO DO POVO. ATLETA cubano abandona delegação e pede asilo. Porto Alegre, 5/9/1963.

CORREIO DO POVO. LIMPEZA da cidade para receber Ieda Vargas e para a Universíade. Porto Alegre, 11/8/1963.

CORREIO DO POVO. Universíade Agita Porto Alegre. 02/9/1963.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. FLASHES da U-63. Coluna Top Spin, Porto Alegre, 03/9/1963.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. UNIVERSÍADE-63 transforma Pôrto Alegre na capital do mundo. Porto Alegre, 29/8/1963.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. UNIVERSÍADE 63: Cruzeiro será padrinho dos Russos. Porto Alegre, 31/7/1963.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A Política Externa Independente é Notícia: O Jornal Correio do Povo e a Guerra Quente no Brasil (1961-1964). In: **Em Tempo de Histórias** – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG – HIS UnB. N.12, Brasília, 2008, 68-85.

FOLHA DA TARDE, Porto Alegre, 25/7/1963.

FOLHA DA TARDE. Como nasceram as Universíades. Porto Alegre, 10/8/1963.

FOLHA DA TARDE. U-63 Festa Inesquecível!! Porto Alegre, 01/9/1963, p. 6-7.

FOLHA DA TARDE. Emoção e brilho no desfile de inauguração – Hasteamento das bandeiras. Porto Alegre, 02/9/1963.

FOLHA DA TARDE. Regionalismo e samba. Porto Alegre 02/9/1963.

FÔLHA ESPORTIVA. Henrique Halpern trouxe a nova: várias federações receberão auxílio do CND. Porto Alegre, 11/01/1962.

FÔLHA ESPORTIVA. Um Certame e uma cidade, Porto Alegre, 18/7/1963.

FÔLHA ESPORTIVA. UNIVERSÍADE uniu irmãos que há onze anos estavam separados. Porto Alegre, 27/8/1963.

FÔLHA ESPORTIVA. ÍDEAL ATINGIDO. Porto Alegre, 02/9/1963.

FOLHA ESPORTIVA. Amanhã inauguração da U-63 no estádio Olímpico. Porto Alegre, 30/8/1963.

FOLHA ESPORTIVA. Abertura noturna poderá prejudicar. Porto Alegre, 24/8/1963.

FOLHA ESPORTIVA. Consulado fornece as razões da ausência norte-americana. Porto Alegre, 30/8/1963.

FOLHA ESPORTIVA. Ideal Atingido. Porto Alegre, 02/9/1963.

FOLHA ESPORTIVA. Desfile brilhante foi marco o grande certame. Porto Alegre, 02/9/1963.

JORNAL DO DIA. U-63: Apoteose no estádio olímpico. Porto Alegre, 01/9/1963.

KOCH, Rodrigo. **Universíade 1963: História e resultados dos Jogos Universitários de Porto Alegre**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.

MARTINS, Ruth. U-63. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 04/9/1963.

MAZO, Janice. Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira.

Tese Doutorado. Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, Janice; REPPOLD, Alberto (orgs.). Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2RS, 2005.

MAZO, Janice. Apontamentos sobre o legado da “Universiade de 63” para Porto Alegre. In: RUBIO, Katia (org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: Dornelles, Beatriz (org.). **Porto Alegre em destaque: História e Cultura**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NOGUEIRA, Maristel. Universiade de 63: Reconstrução da memória através da perspectiva dos jornais. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação e História. PUCRS. 2004.

PASQUALINI, Arlindo. A Vaia Olímpica. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 02/9/1963.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINSKY, Carla (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

REVISTA DO GLOBO. De 30 de agosto a 8 de setembro Porto Alegre será a capital do desporto universitário. Porto Alegre, n. 850, 06 a 19/07/1963, p. 10-14. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. Universiade 63. Porto Alegre, n. 854, 31/08 a 13/09/1963, p. 2-15. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. Conversa com o Leitor: Universiade 63. Porto Alegre, n. 855, 14/09 a 27/09/1963, p. 1. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. Universiade 63. Porto Alegre, n. 855, 14/09 a 27/09/1963, p. 26-49. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. E os atletas partiram. Porto Alegre, n. 856, 28/09 a 11/10/1963, p. 34-39. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. As “Medalhas de Ouro” da U-63. Porto Alegre, n. 856, 28/09 a 11/10/1963, p. 40-43. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. Brasileiros brilharam no basquete. Porto Alegre, n. 856, 28/09 a 11/10/1963, p. 44-46. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA DO GLOBO. As bealdades da Universiade. Porto Alegre, n. 856, 28/09 a 11/10/1963, p. 47-49. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ÚLTIMA HORA. Câmara Municipal apóia Universiade. Porto Alegre, 17/08/1963.

VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-162.

ANEXO

ANEXO

Ofício 183/2003

Porto Alegre, 23 de setembro de 2003

O SR. PRESIDENTE (Paulo Brum – PSDB) – Estão reabertos os trabalhos da presente Sessão.

Compõem a mesa o Exmo. Sr. Presidente do Tribunal Regional da 4ª Região, Vladimir Passos de Freitas; o Exmo. Sr. Representante da Presidência da Câmara Municipal de Porto Alegre, caro amigo Vereador Carlos Garcia – Professor Garcia; o Exmo. Sr. Representante do Comando Militar do Sul, Coronel Iranir Flores de Siqueira; o Exmo. Sr. Representante do Comandante-Geral da Brigada Militar, Chefe do Estado-Maior, Coronel Tarso Antônio Marcadella; o Ilmo. Sr. Coordenador do Comitê Executivo da Universíade 63, Darcy Votto Araújo; o Ilmo. Sr. Representante da Federação Gaúcha de Basketball, João Edison da Silva; o Ilmo. Sr. Presidente do Conselho de Desporto do Rio Grande do Sul, Cleomar Pereira Lima.

De imediato, concedo a palavra ao Deputado Ciro Simoni.

O SR. CIRO SIMONI (PDT) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Saúdo o Exmo. Sr. Presidente do Tribunal Regional da 4ª Região, Vladimir Passos de Freitas; o Exmo. Sr. Representante da Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, Vereador Carlos Garcia; o Exmo. Sr. Representante do Comando Militar do Sul, Coronel Iranir Flores de Siqueira; o Exmo. Sr. Representante do Comandante-Geral da Brigada Militar, Chefe do Estado-Maior, Coronel Tarso Antônio Marcadella; o Ilmo. Sr. Representante da Federação Gaúcha de Basketball, João Edison da Silva; o Ilmo. Sr. Presidente do Conselho de Desporto do Rio Grande do Sul, Cleomar Pereira Lima.

Faço, neste momento, uma saudação especial ao Dr. Darcy Votto Araújo, caro amigo, membro do Comitê Executivo da Universíade, que, tenho certeza, representa não só os desportistas, mas especialmente os familiares daqueles que, junto com ele, fizeram aquela epopéia de 1963.

Registramos ainda a presença nesta Casa de alguns atletas que participaram dos jogos naquela ocasião, representando com maestria o nosso País, como Jorge D'Ávila, Antônio Carlos Gonçalves, Júlio César Volpi, Eduardo Lawson, Diva e Dinah Santiago e o Dr. Vladimir Passos de Freitas, cuja presença na mesa muito nos honra. O Dr. Vladimir representa também os atletas, uma vez que, na época, disputou os jogos na modalidade de natação.

Agradecemos também a presença neste plenário daqueles que realizaram um árduo trabalho para o sucesso da Universíade 63, motivo de orgulho e objeto da modesta mas sincera homenagem que esta Casa presta na tarde de hoje.

Lembramos que, recentemente, a Câmara de Vereadores de Porto Alegre também prestou a sua homenagem pelo transcurso dos 40 anos de realização da Universíade aqui na nossa cidade. Além de uma Sessão Solene, proposta pelo Vereador Carlos Alberto Garcia, Líder do PSB naquela Casa, o evento foi abrilhantado por uma exposição que reuniu fotos, textos, medalhas, credenciais e uniformes dos atletas que participaram dos jogos.

Gostaríamos de explanar aqui, desta tribuna, um pouco da história da Universíade de um modo geral, para após situá-la no ano de 1963, quando o Brasil foi o escolhido para sediar os jogos, realizados na Capital do Rio Grande do Sul.

Considerada a maior competição esportiva mundial depois dos Jogos Olímpicos, a Universíade reúne aproximadamente 7 mil atletas a cada encontro.

Esses jogos mundiais universitários são promovidos e dirigidos pela Federação Internacional de Esportes Universitários – Fisuv –, entidade máxima do esporte universitário no mundo, com sede em Bruxelas. O Brasil participa regularmente dessas competições, representado pela Confederação Brasileira do Desporto Universitário – CBDU –, que tem sua sede em Brasília.

Criada originalmente em 1923, na França, com o nome de Semanas Internacionais Desportivas Universitárias, a Universíade existe, sob essa denominação, desde o ano de 1959. A partir daí, a competição passou a ser realizada a cada dois anos, reunindo mais de 120 países em suas mais de 12 modalidades disputadas.

Alguns países, como a Itália e a Bulgária, sediaram por mais de uma vez os jogos universitários. Neste ano, a competição foi realizada no período de 21 a 31 de agosto, em Daegu, na Coreia do Sul. Daqui a dois anos, em 2005, Izmir, na Turquia, será o palco desse evento.

Porto Alegre, até o momento, foi a única cidade da América do Sul a sediar o evento. Há 40 anos, mais precisamente em 30 de agosto de 1963, acontecia a cerimônia de abertura oficial da Universíade. No Estádio Olímpico, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, 40 mil pessoas aplaudiram as delegações que aqui estavam.

O encerramento da Universíade 63 foi nos salões da Reitoria da URS – na época, era denominada Universidade do Rio Grande do Sul –, com um baile que se iniciou lá pela meia-noite do dia 8 de setembro. O público lotou os três salões, e as pessoas que não tinham convite e aguardavam do lado de fora também puderam participar, por iniciativa do então Presidente do Comitê Executivo, Henrique Halpern, que liberou a entrada.

Porto Alegre viveu seus dias de Atenas contemporânea. Aqui ficaram hospedadas delegações de países distantes e de línguas diversas.

O conjunto habitacional Vila Olímpica, no Bairro Inter-cap, é um monumento aos dez dias mágicos da história de Porto Alegre. Cinco blocos abrigavam os participantes, cada um com o nome de um dos cinco continentes. No sexto bloco, funcionava a administração. Foi uma babel, para onde convergiram as atenções de boa parte do mundo. Entre 30 de agosto e 8 de setembro de 1963, atletas de 33 países lá se alojaram para a disputa dos jogos universitários.

O refeitório, localizado no 18º Batalhão de Infantaria, foi elogiado por todos. A cozinha, chefiada por Pierre Lagart, tinha características internacionais de todos os países participantes.

Conforme pesquisa, a competição reuniu 1.500 esportistas e converteu a Capital dos gaúchos na capital dos recordes. Foram 26 marcas mundiais universitárias quebradas. Outra marca memorável ficou a cargo dos organizadores: a construção, em 92 dias, de um ginásio para 17 mil espectadores, o atual Ginásio da Brigada Militar, na avenida Ipiranga, legalmente denominado Ginásio Universiade.

Os gaúchos reagiram maravilhados à possibilidade de prestigiarem acontecimento de tamanha importância nos aspectos esportivo e sociocultural.

Eu mesmo, naquela época com 12 anos de idade, freqüentando a 1ª série do curso ginásial no Ginásio Conceição, em Osório, fiquei entusiasmado com a chance de vir até Porto Alegre, conhecer os atletas que participariam dos jogos e assistir a disputas de qualidade. Nós, que iniciávamos na prática esportiva, poderíamos nos aproximar, ver de perto aqueles que eram os astros mundiais.

E assim aconteceu. Lotamos alguns ônibus e, chegando a Porto Alegre, nos deparamos com uma quantidade enorme de pessoas tão sedentas quanto nós de poder participar. Foi um momento inesquecível na minha vida, um acontecimento que me marcou profundamente, pois sou esportista e desde aquela época já gostava muito de esportes.

Os maiores atletas em atividade participaram dos jogos naquele ano. As provas eram disputadas em diversos clubes e, até mesmo, em armazéns do porto. Entre os clubes estavam o Grêmio Náutico União, a Associação Leopoldina Juvenil, a Sogipa e o Petrópole Tênis Clube. Quando terminaram os jogos, os húngaros haviam conquistado o maior número de medalhas de ouro, totalizando 18 medalhas.

O Brasil competiu nas nove modalidades: atletismo, basquete, esgrima, ginástica, natação, saltos ornamentais, tênis, vôlei e pólo aquático. Nós brasileiros conquistamos a oitava posição, com duas medalhas de ouro e oito de bronze. As medalhas de ouro vieram das atuações das equipes de vôlei feminino e de basquete masculino.

O resultado do Brasil na competição foi digno de comemoração. Não podemos esquecer que tínhamos poucos estudantes cursando o 3º grau no País, o que representava, obviamente, um número reduzido de atletas universitários.

A Universiade 63 permanece como um marco no esporte do Rio Grande do Sul, tanto que hoje relembramos alguns dos pormenores referentes à realização do

evento. Representaram o Comitê Executivo, presidido por Henrique Halpern, grandes nomes, que não poderiam ser esquecidos neste momento.

São eles: o Vice-Presidente, Edgar Sanchez Laurent; o Coordenador, que neste momento integra a mesa, Darcy Votto de Araújo; os membros do Comitê, Adonis Escobar e Carlos Alberto Giulian; o Secretário-Geral, Jorge Ayub; o Secretário Executivo, Rivadavia Severo; o Diretor do Setor de Transporte, Adonis Escobar, novamente, participante de diversas áreas; o Diretor do Setor de Alojamento e Alimentação, Carlos Alberto Giulian; o Diretor do Setor de Promoção Social, Luiz Carlos Fortuna; o Diretor de Recepção, Hélio Kroeff; o Diretor do Cerimonial Cívico Esportivo, Selvino Rodrigues; o Diretor do Cerimonial Diplomático, João Carlos Krahe; os Assessores do Comitê Executivo, Félix Vianna e Rômulo Afonso Fanti; o Diretor do Setor de Engenharia, Augusto de Araújo Guarita, um dos responsáveis pela construção daquele ginásio e de tantas outras obras realizadas; o Diretor do Setor de Publicidade, Neper Silveira; o Assessor Chefe do Setor Médico, Milton Russowski; o Diretor do Setor de Imprensa, Manuel Augusto de Godoy Bezerra; o Diretor do Departamento de Imprensa Estrangeira, Kurt Albert Goldberg; o Chefe de Contabilidade, Darcy Votto de Araújo; o Assessor do Chefe de Contabilidade, Vigold Fensterseifer; o Diretor do Setor de Intérpretes, Rômulo Afonso Fanti, pois eram muitos os países aqui representados e era importante que houvesse várias pessoas disponíveis para garantir a comunicação; o Diretor do Setor de Segurança, Major Clyton Rupperti, encarregado pelo Comando da Brigada Militar de ser o responsável pela segurança do evento; o Diretor de Almoxarifado, Enior Pereira; o Diretor do Setor de Arte, Plínio Monte da Rocha; os Diretores do Setor de Ingressos, Leri Lagos, Nelson Comandulli e Ruggero Bitollo; o Despachante no aeroporto, Antonio Silvestre.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, não poderíamos deixar de citar também o nome dos integrantes da Direção Técnica da Universidade 63, presidida por Luiz Augusto Bastian de Carvalho. São eles: os Assessores Luiz Antunes e Andry Feibermann; o Secretário Alfredo Antonio Habiaga; o Diretor do Setor de Planejamento, Henrique Soler; o Diretor de Filatelia, Arthur Mikelberg; o Diretor do Setor de Coordenação, Gerson Ruhe; o Diretor do Setor de Material, Ludendorfe Xavier; o Diretor de Atletismo, Alexandre Davis; o Diretor de Basquete, Rubens Lima de Souza; o Diretor de Esgrima, João Rosa; o Diretor de Ginástica, Nelson Saul; o Diretor de Natação, Jaime Werner dos Reis; o Diretor de Saltos Ornamentais, Justino Martins; o Diretor de Tênis, Leon Jucewicz; o Diretor de Vôlei, Décio Manske e o Diretor de Pólo Aquático, Osmar Barth.

Queremos frisar ainda, neste momento, que o Comitê Organizador, presidido por José Antônio Aranha, Diretor de Gabinete de Administração e Planejamento do Governo do Estado, reuniu as principais personalidades do mundo jornalístico, militar, religioso e associativo do Estado.

Desde o Governo de Jânio Quadros já havia o interesse na realização da Universidade 63 em território nacional, mas a idéia era sediá-la em Belo Horizonte, onde inaugurava-se, na época, o Mineirão. Graças aos esforços da Federação Universitária Gaúcha de Esportes, na época presidida por Henrique Halpern, Porto Alegre recebeu os jogos.

Muitos foram os trabalhos realizados para que isso ocorresse, entre eles, deslocamento dos participantes das universidades anteriores, trabalhos dentro do País no sentido de trazer para cá as olimpíadas. E esses organizadores, sem dúvida nenhuma, foram os grandes vencedores, sediando na nossa Porto Alegre esse importante evento.

Para finalizar, queremos dizer da nossa gratificação – e, certamente, a de todos os Deputados que integram o Parlamento Gaúcho – em prestar esta justa homenagem a todos que idealizaram e tornaram realidade o sonho de trazer para a Capital do Rio Grande do Sul um dos maiores eventos esportivos mundiais.

Caro Presidente Vilson Covatti, 40 anos se passaram. Os desafios e as dificuldades que implicaram a realização da Universíade 63 em nosso solo ficaram escritos na história do esporte e da cultura gaúcha e brasileira. E as glórias continuarão sendo permanentemente lembradas pelo mundo a fora, por todos aqueles que têm – como eu – no esporte uma razão de vida, sejam atletas, universitários ou torcedores.

Todos nós vivemos este grande momento, e esta Casa, que representa o povo gaúcho por intermédio dos Parlamentares delegados pelos diversos segmentos do Estado do Rio Grande do Sul, não poderia deixar de lembrar aquele importante momento vivido pelos gaúchos e pelos brasileiros, bem como o esforço que foi despendido por um grupo de pessoas, especialmente pelo grupo da coordenação central e do comitê executivo, trazendo um evento que até hoje nenhuma cidade da América do Sul conseguiu sediar.

Temos notícias, Sr. Presidente, de que já estão sendo tomadas algumas medidas, sendo feitos alguns movimentos no sentido de que possamos novamente realizar este evento no Rio Grande do Sul.

Tenho certeza de que esta Casa, assim como o Governo do Estado, a Câmara de Vereadores, a Prefeitura de Porto Alegre e cada um dos representantes do desporto em nosso Estado e no Brasil estarão somando-se para que possamos reeditar aquele que foi um marco importante para todos nós.

Recebam nossas saudações todos os Senhores que participaram de uma forma ou de outra, especialmente o companheiro Darcy Votto de Araújo, que representa cada um daqueles trabalhadores, atletas e gaúchos que, naquele momento, foram responsáveis pelo evento.

Receba, Darcy, as nossas homenagens, transmitindo-as às famílias dos companheiros que contigo trabalharam nesse comitê organizador. Que possamos, neste momento, com a nossa palavra singela, ser portadores da homenagem de todos os Pares desta Casa, especialmente de todo o povo gaúcho. Muito obrigado. (Não revisado pelo Orador.)

O SR. PRESIDENTE VILSON COVATTI (PP) – Na condição de Presidente da Mesa Pluripartidária da 51^a Legislatura, em nome dos 55 Deputados, saúdo em primeiríssimo lugar o gesto, a iniciativa do Deputado Ciro Simoni em resgatar esse momento histórico da nossa sociedade gaúcha e brasileira.

Parabéns, Deputado Ciro Simoni. Quarenta anos se passaram, e ainda podemos constatar a grandiosidade daquele ato. Se tivesse seqüência, tenho certeza absoluta de que o Brasil não seria o quarto colocado em nível mundial, mas seria o primeiro ou o segundo. Iniciativas como essa representaram e representam muito até os dias de hoje.

V. Exa. mexeu num braseiro – com diz o gaúcho – para que a Universiade 63 possa voltar a acontecer no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil.

O Parlamento Gaúcho sente-se honrado em fazer esta homenagem por intermédio de V. Exa.

Agradeço ao Juiz Vladimir Passos de Freitas, Presidente do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, pelo trabalho realizado e pela sua presença aqui, que é sempre uma honra para o Parlamento.

Agradeço também a presença do Vereador Carlos Alberto Garcia.

Ao Darcy Votto Araújo, que coordenou o Comitê Executivo da Universiade 63, nossos cumprimentos, e que Deus o conserve com essa juventude e com esse espírito empreendedor e divulgador de boas iniciativas. Continue a sua luta, que também é nossa. Temos certeza de que colheremos frutos.

Muito obrigado ao Cleomar Pereira Lima, Presidente do Conselho de Desporto do Rio Grande do Sul. É bom termos a sua presença aqui. Temos certeza de que vamos revigorar essa energia do nosso amigo Darcy Votto Araújo e de tantos homens e mulheres ilustres que trabalharam na Universiade 63.

Sras. e Srs. Deputados, Senhoras e Senhores que prestigiam este Grande Expediente, expresso, em nome de todos, o reconhecimento ao Deputado Ciro Simoni por esta homenagem. Que ela sirva para revigorarmos as energias da nossa geração no sentido de promovermos, a essa juventude maravilhosa, momentos ímpares como os vividos pela juventude da época da Universiade 63.

O Deputado Ciro Simoni me falava com entusiasmo do privilégio que teve de acompanhar essa juventude quando tinha apenas 12 anos de idade.

Muito obrigado a todos. Suspendo a Sessão por três minutos para que os homenageados recebam os nossos cumprimentos.